

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

LUIZE FERREIRA DE ALBUQUERQUE

MIGRANTES E O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE MIGRANTES VENEZUELANOS EM JOÃO
PESSOA

João Pessoa - PB

2019

LUIZE FERREIRA DE ALBUQUERQUE

MIGRANTES E O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE MIGRANTES VENEZUELANOS EM JOÃO
PESSOA

Trabalho de Conclusão de apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em
Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações
Internacionais da Universidade Federal da
Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do
título de Bacharel em Línguas Estrangeiras
Aplicadas às Negociações Internacionais.

Orientadora: Prof.^a Angela Maria Erazo Munoz

João Pessoa – PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A345m Albuquerque, Luíze Ferreira de.

Migrantes e o Processo de Integração: Um Estudo de Caso
Sobre Migrantes Venezuelanos em João Pessoa / Luíze
Ferreira de Albuquerque. - João Pessoa, 2019.
70 f. : il.

Orientação: Angela Maria Erazo Munoz.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Migração. 2. Venezuelanos. 3. Mediador
Intercultural. I. Munoz, Angela Maria Erazo. II. Título.

UFPB/CCHLA

LUIZE FERREIRA DE ALBUQUERQUE

MIGRANTES E O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE VENEZUELANOS EM JOÃO PESSOA

O presente trabalho foi submetido à avaliação da banca examinadora, em cumprimento às exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas, na Universidade Federal da Paraíba.

Apresentado em ____ de _____ de ____

Banca Examinadora

Profª Dra. Angela Maria Erazo Munoz - UFPB

Orientadora

Profª Mª Claudia Caminha Lopes Rodrigues – UFPB

Banca Examinadora

Profª Dra. Socorro Cláudia Tavares de Sousa – UFPB

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Verônica, por ser a mulher mais forte que eu conheço, por me ensinar a ter calma e paciência, por todo o amor, conforto e apoio em todas as minhas decisões. Você é minha maior inspiração.

Ao meu pai Luiz Roberto e ao meu irmão Luiz Felipe, por serem minha família, me protegerem e cuidarem de mim.

À minha orientadora Angela, por ser minha mentora e amiga. Obrigada pelos ensinamentos, por acreditar em mim e por me incentivar a sempre buscar oportunidades de crescimento e fazer o meu melhor.

A todos os migrantes venezuelanos com quem pude conviver na Aldeia, mas principalmente às famílias que participaram da pesquisa. Essa monografia foi feita graças a vocês e para vocês.

À Claudia e Sérgio por me receberem tão bem, me ajudarem a realizar essa pesquisa da melhor maneira possível e por fazerem um excelente trabalho com os migrantes venezuelanos.

Às escolas EMEF Davi Trindade, Centro de Formação de Professores, Creche Josiara Telino e EMEF Prof^a Ana Cristina Rolim Machado, por aceitarem participar da pesquisa e serem fundamentais para conclusão dessa monografia.

Às professoras Katia, Claudia, Alyane, Silvia e Ana Carolina por toda a dedicação aos alunos e trabalho duro para fazer do LEA um curso cada vez melhor.

Às minhas primas, companheiras, parceiras, Giovana e Giulia, por compartilharem comigo não só o apartamento, mas a vida em seus altos e baixos. Vocês são a minha alegria de todos os dias, obrigada por sempre me escutarem.

Aos meus avós Luiz e Angelita, por olharem por mim, me acolherem em sua casa sempre que precisei, pelas conversas e os ótimos almoços.

Aos meus amigos Julia, Camila, Guilherme, Lucas, Letícia, Vinicius, Isabelle e Carlos, por compartilharem comigo esses anos de universidade que foram tão intensos e de um crescimento pessoal tão grande.

Às minhas melhores amigas de infância Gabriela, Giovana, Isabela e Rosa, por permanecerem na minha vida e serem até hoje o meu porto seguro.

RESUMO

A monografia apresentada aborda o processo de integração como aspecto fundamental da migração a partir da análise da experiência vivida por refugiados venezuelanos. Assim, pretendemos estudar a trajetória migrante a partir da perspectiva dos refugiados venezuelanos em João Pessoa, compreender o processo de integração dessa comunidade através da organização Aldeias Infantis SOS Brasil e de quatro escolas públicas e analisar o papel do profissional de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais como mediador intercultural. A metodologia de investigação utilizada foi a pesquisa qualitativa de natureza etnográfica aplicada a um estudo de caso, a qual teve como ferramentas o trabalho de campo imersivo, a observação participante no cotidiano da Aldeia Infantil e a entrevista não dirigida com venezuelanos, diretores e professores de escolas públicas e coordenadores de projetos de acolhimento de migrantes. Os resultados obtidos mostram que grandes avanços foram feitos na esfera da recepção e do processo de integração de migrantes à sociedade brasileira, entretanto, podemos apontar aspectos a serem aperfeiçoados. Dessa forma, propomos a atuação do mediador intercultural, mais especificamente do profissional graduado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, como facilitador de diálogos entre migrantes e instituições de acolhida, de forma a beneficiar todos os atores envolvidos no processo de integração.

Palavras-chave: Migração. Venezuelanos. Mediador intercultural.

ABSTRACT

The present research aims to approach the process of integration as a fundamental aspect of migration from the analyses of the experience lived by Venezuelan refugees in João Pessoa. Thus, we intend to study the migrants' path from the Venezuelan refugees' perspective, to understand the process of integration of this community through the organization SOS Children's Villages Brazil and four public schools to analyze the role of professionals graduated in Foreign Languages Applied to International Negotiations as an intercultural mediator. The research method used was a qualitative research of ethnographic features applied to a case study. As tools we used: the field research, the participant observation of the day-to-day life at SOS Children's Villages and the non-structured interview with Venezuelans, public school directors and teachers and managers of welcoming projects. The partial results show that advances were made in the reception of migrants and their integration process in the Brazilian society, however, we can still point out aspects to be improved. Finally, we propose the work of an intercultural mediator, specifically a professional graduated in Foreign Languages Applied, as a facilitator of dialogues between the migrants and the welcoming institutions, as a way to benefit all actors involved in the process of integration.

Keywords: Migration. Venezuelans. Intercultural mediator.

RESUMEN

La presente monografía tiene como finalidad la comprensión del proceso de integración cómo un aspecto fundamental de la migración a partir del análisis de la experiencia vivida por los refugiados venezolanos en João Pessoa. Por lo tanto, pretendemos estudiar la trayectoria migrante desde la perspectiva de los refugiados venezolanos, para así comprender el proceso de integración de esta comunidad. De este modo, la investigación fue realizada dentro de la organización Aldeas Infantiles SOS Brasil y cuatro escuelas públicas, con el fin de analizar el papel del profesional de Lenguas Extranjeras Aplicadas a las Negociaciones Internacionales cómo un mediador intercultural. La metodología de investigación utilizada para este trabajo, fue la investigación cualitativa de cuño etnográfico aplicada a un estudio de caso, utilizando como herramientas: el trabajo de campo inmersivo, la observación participante del cotidiano en la Aldea Infantil y la entrevista no dirigida con venezolanos, directores y profesores de escuelas públicas y coordinadores de proyectos de acogida de migrantes. Los resultados parciales muestran que grandes avances ocurrieron en la esfera de la recepción y del proceso de integración de migrantes a la sociedad brasileira; no obstante, podemos apuntar aspectos para mejorar este proceso de recepción y acompañamiento. Para ello, proponemos la actuación del mediador intercultural, específicamente, del profesional de lenguas extranjeras, como facilitador de diálogos entre migrantes e instituciones de acogida, de forma a beneficiar a todos los actores involucrados en el proceso de integración.

Palabras clave: Migración. Venezolanos. Mediador intercultural.

RÉSUMÉ

Cette monographie présente le processus d'intégration des migrants à partir de l'analyse de l'expérience des réfugiés vénézuéliens à João Pessoa. De ce fait, notre objectif est d'étudier la trajectoire des migrants à partir de la perspective des réfugiés vénézuéliens à João Pessoa, comprendre le processus d'intégration de cette communauté à travers l'organisation Aldeias Infantis SOS Brasil et quatre écoles publiques de la ville ainsi que d'analyser le rôle du professionnel diplômé en Langues Étrangères Appliquées aux Négociations Internationales en tant que médiateur interculturel. La méthodologie d'investigation utilisée a été la recherche qualitative de type ethnographique appliquée à une étude de cas dans laquelle les outils ont été le travail de champ, l'observation participant dans la vie quotidienne de l'organisation Aldeias Infantis SOS ainsi qu'un entretien non dirigée avec des vénézuéliens, des directeurs et des professeurs des écoles publiques et des coordinateurs de projets d'accueil de migrants. Les résultats obtenus montrent que l'accueil de migrants et le processus d'intégration de cette communauté a déjà bien avancé, même si certains aspects restent à perfectionner. Ainsi, nous proposons l'action du professionnel diplômé en Langues Étrangères Appliquées comme facilitateur de dialogues entre les migrants et les institutions d'accueil de façon à bénéficier de tous les acteurs impliqués dans le processus d'intégration des migrants.

Mot-clés: Migration. Vénézuéliens. Mediator interculturel.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Perfil dos Venezuelanos na Aldeia Infantil SOS João Pessoa em dezembro de 2018.....	35
--	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil Sociodemográfico dos Entrevistados.....	36
--	-----------

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 Migração.....	13
2.2 Migração Forçada e Refugiados.....	15
2.3 Solicitação de Refúgio no Brasil.....	17
2.4 Contexto Venezuelano.....	18
2.5 Língua e Cultura.....	20
2.6 Mediador Intercultural.....	24
3. METODOLOGIA.....	27
3.1 Métodos de Pesquisa Qualitativa.....	27
3.2 Contexto de Realização da Pesquisa.....	29
3.3 Ferramentas de Investigação.....	30
3.3.1 Trabalho de Campo.....	30
3.3.2 Observação Participante.....	30
3.3.3 Entrevista Informal ou Não Programada.....	31
3.4 Processo de Análise dos Dados.....	34
4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	35
4.1 Trajetória Migrante.....	35
4.2 Instituições.....	39
4.2.1 Aldeias Infantis SOS Brasil.....	39
4.2.2 Acolhimento na Aldeia Infantil.....	40
4.2.3 Oficinas e Formações na Aldeia.....	43
4.2.4 Vida das Famílias em João Pessoa.....	45
4.2.5 Escolas Públicas.....	48
4.2.6 EMEF David Trindade.....	48
4.2.7 EMEF Profª Ana Cristina Rolim Machado.....	49
4.2.8 Centro de Formação de Professores.....	51
4.2.9 Pré-Escola Creche Josiara Telino.....	52
4.3 Mediador Intercultural LEA-NI.....	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
7. ANEXOS	65
Anexo A.....	65
Anexo B.....	67
Anexo C.....	69
Anexo D.....	70

1. INTRODUÇÃO

A migração é um fenômeno global que sempre esteve presente na história do ser humano e vem sendo estudado a partir de diferentes abordagens. Nos últimos anos, esta temática tem se tornado cada vez mais relevante no cenário político mundial, devido a acontecimentos como a intensificação dos conflitos armados no Oriente Médio, em especial na Síria, ataques terroristas em países Europeus e, mais próximo ao território brasileiro, a crise econômica, política e social na Venezuela. Esta última, iniciada em 2013 e agravada pela alta inflação, levou milhares de venezuelanos a deixarem o seu país e a pedirem refúgio em países vizinhos, como a Colômbia, o Peru e o Brasil, para fugirem do desemprego, da criminalidade e até mesmo da fome.

No Brasil, essa população de migrantes, denominados refugiados, adentra o país pela fronteira ao norte, entre a Venezuela e o estado de Roraima, e se direciona à capital, Boa Vista. Porém, devido à grande demanda por abrigo, muitos são realocados para outras cidades brasileiras. Na Paraíba, o primeiro grupo de migrantes venezuelanos chegou nos meses de julho e agosto de 2018 e foram distribuídos entre os municípios do Conde e de João Pessoa, capital do estado. Em João Pessoa, duas instituições estavam a frente do acolhimento dessa população, o Serviço Pastoral dos Migrantes do Nordeste (SPM NE) e a organização não governamental Aldeias Infantis SOS Brasil¹.

O tema para o presente trabalho “Migrantes e o Processo de Integração: Um Estudo de Caso Sobre Venezuelanos em João Pessoa” teve como origem duas experiências acadêmicas. Primeiro, da minha participação voluntária no projeto de extensão “Refugiados na Paraíba: Integração Linguística e Transculturalidade” da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coordenado pelas professoras Ana Berenice Martoreli e Socorro Cláudia Tavares de Sousa, o qual objetivava integrar os migrantes venezuelanos a partir do ensino da língua portuguesa e da interação com estudantes brasileiros. Segundo, a palestra ministrada pela Prof^a Dra.^a Sabine Gorovitz ao curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI), na qual ela abordou as temáticas de migração, línguas de contato nas

¹ Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/paraiba-recebe-45-imigrantes-venezuelanos. Acesso em: 25 abr. 2019.

fronteiras, pesquisas sociolinguísticas e integração social. Ambas as circunstâncias me instigaram a pesquisar sobre a temática da migração e a entender tal processo do ponto de vista do imigrante, mais especificamente do refugiado.

Assim, o objetivo geral deste trabalho se configura em demonstrar a importância do mediador intercultural, a partir da análise do processo de integração de migrantes. Como objetivos específicos temos: investigar a trajetória migrante a partir da perspectiva dos refugiados venezuelanos, compreender o processo de integração dessa comunidade através da organização Aldeias Infantis SOS Brasil e das escolas públicas de João Pessoa para que seja possível a implementação de práticas educacionais e integrativas adaptadas, e analisar o papel do profissional de LEA-NI como mediador intercultural.

A temática migrante já tem sido abordada em trabalhos acadêmicos realizados na Paraíba, como os artigos e livros publicados pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa Sobre Deslocados Ambientais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)². Entretanto, apresentamos aqui, uma pesquisa pioneira específica com os migrantes venezuelanos provenientes do fluxo migratório gerado pela atual crise no país.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfico aplicada a um estudo de caso. Foram utilizadas três ferramentas qualitativas de investigação: o trabalho de campo realizado na Aldeia Infantil e em quatro escolas públicas nas quais crianças venezuelanas estavam matriculadas, a observação participante na Aldeia Infantil, onde pude observar o cotidiano dos venezuelanos, e a entrevista não dirigida, realizada com famílias venezuelanas, coordenadores da Aldeia e diretoras das escolas.

Dessa forma, a relevância deste trabalho se dá na intenção de melhorar a acolhida de migrantes refugiados, em cumprimento a um direito humano, e aprimorar o seu processo de integração, de forma a facilitar a sua inserção social. Já para o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, se dá na sua pretensão em abrir as portas para a atuação do profissional graduado em LEA como mediador intercultural dentro do âmbito da migração.

² Disponível em: <http://nucleos.uepb.edu.br/nepda/publicacoes/>. Acesso em: 26 abr. 2019.

Mesmo considerando a relevância do trabalho em equipe, a escrita desta monografia foi feita em primeira pessoa (singular e plural). Sendo esta, uma escolha consciente e influenciada pelas pesquisas etnográficas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O processo migratório envolvendo rupturas espaciais e temporais, mudanças psicológicas, físicas, biológicas, sociais, culturais, familiares e políticas, implicando a adaptação do indivíduo e das famílias a uma cultura, língua, regras culturais e de funcionamento diferentes, num novo meio, muitas vezes hostil, constitui um processo complexo com consequências ao nível da saúde, desenvolvimento, educação e interação do indivíduo migrante, o qual vai exigir mudanças e desenvolvimento de estratégias de adaptação dos vários grupos em presença, migrantes e autóctones.

(RAMOS, 2007, p.369)

Neste trecho, Natália Ramos percebe a relevância de se estudar o processo migratório de forma holística. Ela se preocupa em ir além dos fatores políticos e econômicos envolvidos na migração para ter uma visão social, cultural e linguística dessa realidade, aspecto que se assemelha à proposta deste trabalho. Assim, para melhor compreender a presente pesquisa, precisamos estabelecer alguns conceitos dentro das temáticas de migração, língua e cultura.

Esta seção traz o referencial teórico deste trabalho. Nela iremos explicitar os principais conceitos que nos ajudarão a compreender os dados da pesquisa. A fundamentação teórica está dividida em cinco partes, nas quais pretendemos expor a definição de migração, migrante e os tipos de migração a partir da ótica de organismos internacionais; descrever o processo de solicitação de refúgio no Brasil; analisar a conjuntura política, econômica e social da Venezuela; bem como apresentar noções relacionadas à língua e cultura, tais quais identidade, multi, pluri e interculturalismo a partir do viés acadêmico sociolinguístico.

2.1 Migração

Desde os primórdios, grupos humanos percorriam longas distâncias em busca de alimento, matéria prima ou devido a mudanças climáticas. Com o passar dos anos, essas comunidades foram estimuladas de outras formas a se deslocarem, como por questões econômicas ou circunstanciais como a fome, conflitos internos e melhores condições de vida. Assim, a migração é parte inerente da trajetória humana. No contexto atual, a Organização Internacional para as Migrações (OIM) entende que migração é “um movimento populacional para o território de outro Estado ou dentro

do mesmo que abrange todo movimento de pessoas seja qual for a sua dimensão, composição ou suas causas” (tradução nossa)³.

Antes de adentrarmos no aspecto específico da migração de que trata esta pesquisa, se faz necessário explicitar alguns conceitos básicos sobre o tema. Primeiramente, a migração é um direito assegurado pela Organização das Nações Unidas através da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Em seu Artigo 13º consta "Toda pessoa tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado. Toda pessoa tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar." Neste âmbito, a migração, quando ocorre dentro do próprio território do Estado é chamada de migração interna e quando ocorre de um Estado de origem a outro é chamada de migração externa ou migração internacional. Sendo o movimento de saída do país de origem, pátria, com a intenção de estabelecer residência em um país estrangeiro, chamado de emigração (desse ponto de vista, o indivíduo é denominado emigrante) e o movimento de entrada em um país que não o de origem, pátria, com a intenção de estabelecer residência chamado de imigração (do ponto de vista do país receptor, o indivíduo é denominado imigrante).

Atualmente, a migração tem ganhado considerável visibilidade, tanto pelo aumento dos fluxos migratórios em escala global – 65 milhões de pessoas foram obrigadas a migrar em 2016, maior registro desde a Segunda Guerra Mundial (LIMA et al, 2017, p.9) – quanto pela administração de políticas migratórias públicas e internacionais, trazendo à tona discussões como preconceito, segregação, racismo, inclusão e identidade nacional (TRUZZI; MONSMA, 2018, p.18-23). A título de exemplo, podemos destacar o grande fluxo de Sírios para os países do oeste europeu, devido ao conflito interno no país desde 2011.

Tendo em vista a relevância da temática e para melhor compreender as particularidades deste processo, a OIM, em seu glossário, divide a migração internacional em cinco grandes grupos, migração ordenada, facilitada, forçada, irregular e laboral. A migração ordenada é legalmente regulamentada desde a saída do país de residência à entrada no país receptor. A migração é facilitada quando é

³ “*Movimiento de población hacia el territorio de otro Estado o dentro del mismo que abarca todo movimiento de personas sea cual fuere su tamaño, su composición o sus causas.*” Disponível em: <https://www.iom.int/es/los-terminos-clave-de-migracion>. Acesso em: 08 abr. 2019.

estimulada através de medidas que facilitem ou agilizem o processo de entrada ou saída de pessoas. Se a migração for motivada pela intimidação, opressão, violência, ameaça à vida ou à subsistência, seja por causas naturais ou humanas, ela é qualificada como forçada. A migração é irregular quando o migrante entra, sai ou permanece em um país sem a documentação legal exigida, sendo tal ação ilegal. Por último, a migração laboral é quando o migrante se desloca com o intuito de trabalhar no país receptor⁴.

Além desses, outros tipos de migração poderiam ser citados, como a migração de retorno, migração sazonal, migração interestadual etc. Entretanto, uma vez delimitado de forma geral o que é migração, daremos foco à migração forçada, já que esta pesquisa foi realizada com um grupo de migrantes venezuelanos classificados dentro da migração forçada.

2.2 Migração Forçada e Refugiados

A seguir, aprofundaremos o conceito de migração forçada e refugiado a partir da perspectiva de órgãos internacionais e da legislação brasileira.

As razões para se migrar são muitas. Enquanto uns têm o poder de escolher como, quando e para onde querem migrar, outros o fazem por necessidade e com um leque de possibilidades significativamente reduzido, o que caracteriza a migração forçada. Como visto anteriormente, a migração forçada consiste no deslocamento de pessoas incentivado por fatores como perseguição - ou medo de perseguição - de ordem política, religiosa, racial ou social, desastres ambientais e guerras. De acordo com capítulo 7 do *World Migration Report* de 2018⁵, em que se pretende entender a migração pela perspectiva do migrante, após a Segunda Guerra Mundial, os estudos e a formulação de políticas migratórias tendiam a uma visão binária do processo, migração forçada versus migração voluntária. Essa linha de pensamento acabava reduzindo os migrantes àqueles que possuíam livre arbítrio para decidir para onde, quando e como migrar e àqueles que migravam involuntariamente, sem possibilidade

⁴ Dados do Glossário da OIM sobre a Migração. Disponível em: <https://www.iom.int/es/los-terminos-clave-de-migracion>. Acesso em: 08 abr. 2019.

⁵ Disponível em: <http://publications.iom.int/books/world-migration-report-2018-chapter-7-understanding-migration-journeys-migrants-perspectives>. Acesso em: 14 fev 2019.

de decidir os critérios da trajetória. Entretanto, nos últimos 20 anos é possível perceber uma mudança nessa perspectiva, de modo a considerar os diversos graus de poder decisório em função da natureza do processo migratório.

Por isso, neste trabalho, entendemos por migração forçada a migração que foi estimulada por fatores externos à vontade própria do migrante, mas que guarda em seu aspecto geral a possibilidade de decisão, ainda que limitada, em como proceder com a trajetória. Dito isto, um indivíduo que se encontra em situação de migração forçada e busca asilo em outro Estado é considerado refugiado.

Como está disposto no Art. 1º da Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, bem como no Estatuto do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), entende-se por refugiado a pessoa que

Temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.⁶

Segundo a Convenção da Organização de Unidade Africana (OUA) que rege os Aspectos Específicos dos Problemas dos Refugiados em África, em vigor desde 1974, o termo refugiado, além da definição da ACNUR,

Aplica-se também a qualquer pessoa que, devido a uma agressão, ocupação externa, dominação estrangeira ou a acontecimentos que perturbem gravemente a ordem pública numa parte ou na totalidade do seu país de origem ou do país de que tem nacionalidade, seja obrigada a deixar o lugar da residência habitual para procurar refúgio noutro lugar fora do seu país de origem ou de nacionalidade.⁷

Em prol desses indivíduos, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, garante, em seu Artigo 14 que “todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito

⁶ Disponível em:

https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf. Acesso em: 08 abr. 2019.

⁷ Disponível em: http://www.refugiados.net/cid_virtual_bkup/asilo2/2couaapr.html. Acesso em: 08 abr. 2019.

de procurar e de gozar asilo em outros países”. Em paralelo, os Estados signatários da Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto do Refugiado assumem o compromisso de dar proteção a esses migrantes. Sendo o tratamento de estrangeiros no território nacional compreendido como uma norma mínima internacional, e o não cumprimento desta, como violação do Direito Internacional, de acordo com o Glossário da OIM.

Nesse contexto, o Brasil adotou uma Política Nacional de Refúgio em 1997, pela Lei nº 9.474, alinhada a demais declarações e convenções internacionais como a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1951, a ACNUR de 1974 e a Declaração de Cartagena de 1984. Para execução da nova política, instituiu-se, no mesmo ano, o Comitê Nacional para Refugiados (Conare) (LIMA *et al*, 2017, p.15-16) e, em 2018, foi assinado o primeiro Pacto Global Sobre Migração juntamente aos outros Estados-membros da ONU, otimizando o *corpus juris* do direito dos refugiados no Brasil.

2.3 Solicitação de Refúgio no Brasil

Lima et al (2017, p.87-91) fazem uma explanação detalhada sobre o processo de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil. Descrito pela Política Nacional de Refúgio em seu título IV, o processo de reconhecimento da condição de refugiado é feito em várias etapas.

Dá-se início ao processo uma vez que um estrangeiro em território nacional solicita refúgio à autoridade migratória, mesmo se a sua entrada no território foi irregular. A segunda etapa consiste em prestar depoimentos para que seja preenchido o termo de declaração contendo informações básicas sobre o estrangeiro e justificativas à saída do seu país de origem. Caso o demandante não fale português, um intérprete deve estar presente no momento para assegurar a assertividade da comunicação. Em seguida, o termo é enviado ao Conare e à Instituição Caritas Arquidiocesana, onde um questionário para solicitação de refúgio (disponível em português, inglês, francês e espanhol) será preenchido, contendo informações detalhadas sobre o demandante, sua família e as razões para a solicitação de refúgio, incluindo relatos que fundamentem o pedido. O penúltimo passo é a emissão, pelo

Departamento da Polícia Federal, do protocolo que permite ao refugiado e sua família permanência em território nacional até a finalização do processo, tendo validade de até 180 dias. O protocolo permite igualmente a solicitação de uma carteira de trabalho junto ao Ministério do Trabalho, habilitando o migrante ao exercício de atividades remuneradas. A última etapa é a entrevista de elegibilidade com um oficial, em que o solicitante deve narrar, com riqueza de detalhes, a sua trajetória, a situação no país de origem e as razões pelas quais ele deseja permanecer no Brasil. É feita uma análise subjetiva do relato e uma vez deferido o pedido, o estrangeiro é reconhecido oficialmente como refugiado e pode solicitar uma cédula de identidade permanente.

O reconhecimento do *status* de refugiado dos venezuelanos que ingressam no Brasil implica uma série de questões políticas. Uma delas é o reconhecimento da atual situação de crise que vive a República Bolivariana da Venezuela. A seção a seguir pretende explicar os recentes acontecimentos que ajudam a justificar o *status* de refugiado dos venezuelanos.

2.4 Contexto Venezuelano

Antes de darmos continuidade a esta seção, é preciso compreender como o contexto político venezuelano justifica a classificação da onda de migração forçada que parte da Venezuela em direção a outros países, e ainda, o reconhecimento deste grupo como refugiados e não simples migrantes. Vale ressaltar que por se tratar de uma temática de atualidade, neste trabalho utilizaremos dados colhidos entre outubro de 2018 e fevereiro de 2019.

Desde que Nicolás Maduro Moros assumiu a presidência da República Bolivariana da Venezuela em 2013, o país vem sofrendo um forte declínio socioeconômico e político ocasionado pela queda no preço do barril de petróleo, principal produto de exportação do país e única fonte de receita externa⁸. Em um governo marcado pela forte presença militar e controle da imprensa, violência, fome, desemprego e escassez de medicamentos têm sido recorrentes. Em cinco anos, o

⁸ Dados do Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 08 abr. 2019.

PIB caiu em 35%⁹ e a hiperinflação está prevista para atingir 10.000.000% em 2019¹⁰. As manifestações são frequentes, muitos venezuelanos culpam o governo pela má administração e vão às ruas para expressar seu descontentamento.

Em maio de 2018, Maduro é reeleito para mais um mandato de seis anos com 68% dos votos. A eleição foi altamente contestada pela oposição e considerada ilegítima por diversos países, incluindo os Estados Unidos, Brasil, Canadá, Colômbia e Argentina. Isso se dá porque o governo é acusado de corrupção e compra de votos, além de impedir a plena participação dos partidos da oposição, chegando a prender líderes políticos opositores. A situação fez com que 54% da população se abstinhasse do pleito¹¹.

Considerando este cenário de crise generalizada, 3.3 milhões de venezuelanos decidiram por deixar o país desde 2015, são 5 mil pessoas passando pelas fronteiras diariamente em direção a países vizinhos como o Brasil, o Peru e a Colômbia. O Centro Internacional de Desenvolvimento de Harvard estima que 10% da população está emigrando¹². O número de venezuelanos solicitando asilo em outros países subiu de 499 em 2011 para 148 mil em 2017, colocando a Venezuela em terceiro lugar no ranking de países com maior evasão populacional depois do Afeganistão e Iraque, de acordo com Agência da ONU para refugiados (Acnur)¹³. O Fórum Econômico Mundial, entre outras entidades, está chamando o fenômeno de diáspora venezuelana por ser a maior crise migratória da história da América Latina. A diáspora caracteriza-se pela dispersão de um povo do seu local de origem para outras localidades através da migração por questões de perseguição política, religiosa ou ética. Ao longo da história, observamos a diáspora dos judeus para a Babilônia, dos chineses para sudeste asiático, ocasionada por guerras e fome e de africanos para o continente americano devido ao tráfico negreiro.

Assim, tendo em vista as condições políticas, econômicas e sociais nas quais a Venezuela se encontra, entendemos que a migração venezuelana, ou diáspora

⁹ Dados do Portal R7. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/crise-na-venezuela>. Acesso em: 08 abr. 2019.

¹⁰ Dados do Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 08 abr. 2019.

¹¹ Dados do Jornal El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/>. Acesso em: 08 abr. 2019.

¹² Dados do World Economic Forum. Disponível em: <https://www.weforum.org/>. Acesso em: 08 abr. 2019.

¹³ Dados do Migration Data Portal. Disponível em: <https://migrationdataportal.org>. Acesso em: 08 abr. 2019.

venezuelana, trata-se de uma migração forçada e os venezuelanos que buscam abrigo em outros países, tratam-se de refugiados. Todavia, considerando que grande parte dos venezuelanos ainda não tiveram o seu pedido de refúgio aceito, utilizaremos o termo migrante para nos referir aos refugiados venezuelanos.

A diáspora venezuelana impacta diretamente os países vizinhos que recebem esses migrantes. Não somente pelo suporte logístico, médico e alimentar que necessitam, mas também pela carga cultural e linguística que trazem consigo e introduzem por meio interacional nas comunidades das quais passam a fazer parte. Por isso, a próxima secção é dedicada ao aspecto linguístico-cultural das migrações.

2.5 Língua e Cultura

Quando migrantes internacionais, refugiados ou não, completam a sua trajetória desde seu país de origem até o país de acolhida, eles se deparam em maior ou menor grau, com barreiras linguísticas, sociais e culturais. Referente a esses aspectos e alinhado à temática deste trabalho, é importante trazer à tona outros conceitos, como o de língua, o de cultura, e o de pluri, multi e interculturalismo que estão intrinsicamente ligados ao processo migratório.

Primeiramente, a língua pode ser compreendida de diversas formas. Sob a ótica da sociolinguística, “língua é uma noção cultural e se constrói por meio de processos de integração que giram em torno da elaboração de normas modelares às quais se subordinam as variedades faladas autênticas” (BAGNO, 2017, p.224). Iremos então dividir a língua em quatro categorias, a língua materna, a língua estrangeira, a segunda língua e a língua de acolhimento

A língua materna refere-se ao primeiro código linguístico ao qual o sujeito tem acesso e o adquire de forma natural, podendo este adquirir mais de um código ao mesmo tempo, ou seja, ter duas ou mais línguas maternas. A língua estrangeira por sua vez é um código linguístico não oficial dentro do território em que se fala e é adquirida de forma consciente geralmente através de cursos de idioma ou de maneira in segunda língua diz respeito a qualquer código linguístico que se adquire depois da língua materna, podendo ser uma outra língua oficial no país em que se fala ou uma língua estrangeira (MARTINEZ; VILLALBA; RESTREPO, 2013, p.228-229). Por

último, a língua de acolhimento “transcende a perspectiva linguística e cultural e refere-se também ao prisma emocional e subjetivo da língua e à relação conflituosa presente no contato inicial do imigrante com a sociedade de acolhimento” (BERNARDO, 2016, p.66).

No nosso caso, para os venezuelanos, o português não é uma língua estrangeira, mas sim uma segunda língua que se aprende, pois, apesar de ser a língua oficial no Brasil, não é a sua língua materna. Além de ser uma língua de acolhimento pois é o código linguístico que permitirá a integração dos venezuelanos em João Pessoa. Os filhos de imigrantes adquirem naturalmente as segundas línguas, entretanto os adultos que emigram as adquirem por processos de aprendizagem formal ou informal, em circunstância escolar ou não (GOMES; DORCASBERRO, 2005, p.51 *apud* MARTINEZ; VILLALBA; RESTREPO, 2013, p.35).

Entendemos que o aprendizado do português pelos venezuelanos é parte fundamental do seu processo de integração. Hymes (1972, p.15) nos apresenta, dentro da Sociolinguística, o conceito da competência comunicativa, que seria a habilidade de compreender a estrutura linguística de forma inconsciente, estando ela implícita ao seu conhecimento linguístico. “Ser comunicativamente competente, envolve conhecer as formas linguísticas, saber usá-las e interpretá-las adequadamente, poder organizá-las de maneira eficaz para propósitos diversos” (CANALE y SWAIN, 1980 (adaptado) *apud* UNAMUNO, 2003, p.27, tradução nossa)¹⁴.

O segundo conceito básico que iremos apresentar é o de cultura, trazendo duas definições de uma perspectiva pragmática e acadêmica do termo. Pela definição do Dicionário Enciclopédico Larousse (2009), cultura é um “conjunto de manifestações na qual se expressa a vida tradicional de um povo | conjunto de elementos materiais e espirituais [...] que caracterizam uma sociedade.” (tradução nossa)¹⁵. O Dicionário Crítico de Sociolinguística (2017, p.76), não tão distante do que afirma o Larousse, define cultura como um “termo que se refere a um conjunto de práticas cotidianas e de crenças, ideias e valores a elas associadas e que caracterizam um grupo social ou

¹⁴ “Ser competente comunicativamente comporta conocer formas lingüísticas, saber usarlas e interpretarlas adecuadamente, poder organizarlas de manera eficaz para propósitos diversos.”

¹⁵ “Conjunto de las manifestaciones en que se expresa la vida tradicional de un pueblo” | conjunto de los elementos materiales y espirituales que caracterizan una sociedad respecto a otra.”

comunidade em particular”. Por último, e relativo à cultura, “identidade é a representação social que o indivíduo constrói acerca de seus grupos de pertencimento e de referência, de maneira que se sinta incluído em certas comunidades e excluído de outras” (BAGNO, 2017, p.199).

Marcos Bagno (2017, p.224), a partir de uma perspectiva sociológica, aponta a forte ligação entre língua, cultura e identidade quando afirma que “as línguas são o elemento mais importante de uma cultura, de uma sociedade” pois criam um vínculo estreito com a identidade individual, comunitária e nacional. É importante compreender a relação entre estes três elementos visto que, no processo migratório, línguas e culturas distintas entram em contato e acabam por influenciar diretamente a conjuntura de integração das populações de maneira legal e social, pondo em questão a identidade dos grupos envolvidos.

Por sua vez, no contexto de culturas em contato, surge o fenômeno denominado multiculturalismo. O termo multiculturalismo teve origem no Canadá em 1988 com a publicação do “*Act for the Preservation and Enhancement of Multiculturalism in Canada*”, sendo este o primeiro país a adotar políticas de multiculturalismo, “visando diminuir os conflitos originados de diferenças culturais” (DAMÁZIO, 2008). O multiculturalismo põe em questão aspectos referentes à linguagem, à identidade do indivíduo e ao seu comportamento frente outras culturas. Martinez, Villalba e Restrepo (2013, p. 120) afirmam que, associado ao fenômeno migratório, “o multiculturalismo permite a coabitação e coexistência de diferentes comunidades socioculturais cujas línguas-culturas compartilhem o mesmo espaço” (tradução nossa)¹⁶. Nesse sentido, faz-se necessário diferenciar multiculturalismo de pluriculturalismo. Enquanto o primeiro reconhece as diferenças e particularidades das culturas em contato, o segundo busca a integração das culturas para enriquecimento mútuo. Assim, um indivíduo multicultural distingue e aceita as diversas culturas sem tomá-las para si, já um indivíduo pluricultural é aquele que reconhece e abraça, em sua identidade pessoal, os conhecimentos e as experiências provenientes de culturas distintas.

¹⁶ “*Esto permitía definir la cohabitación y coexistencia de diferentes comunidades socioculturales, cuyas lenguas-culturas compartían el mismo espacio.*”

Entre multi e pluriculturalismo é possível estabelecer uma relação de interculturalidade. Relação esta que “promove o diálogo [...] a partir do reconhecimento mútuo dos seus respectivos valores e formas de vida, reforçando-as e enriquecendo-as criativa e solidariamente” (Centro Virtual Cervantes *apud* MARTINEZ; VILLALBA; RESTREPO, 2013, p. 123, tradução nossa)¹⁷. Ou seja, interculturalidade encoraja o respeito mútuo entre as culturas e estimula suas formas de expressão. Em um contexto migratório, o estabelecimento de relações interculturais é fundamental, pois fortalece o elo de ligação entre os povos e diminui a probabilidade de conflitos por questões culturais. Martinez, Villalba e Restrepo (2013, p.203) concluem que os prefixos “multi”, “pluri” e “inter”, no que diz respeito à culturalidade, são sinônimos do mesmo processo e a escolha pela utilização de cada termo depende somente das políticas do país em questão e da preferência linguística do autor.

Em vista dos crescentes fluxos migratórios e da inevitável interação entre povos de línguas e culturas distintas, Unamumo (2003, p.53) chama a atenção para um desafio no âmbito escolar: o de integrar a diversidade dos alunos à didática do professor e ao planejamento de atividades. Assim, ela observa que “cada dia mais temos em nossas aulas falantes de línguas diversas procedentes de fluxos migratórios [...]. Estas pessoas nos oferecem um material único para trabalhar em classe, que devemos conhecer para aproveitá-lo ao máximo” (UNAMUMO, 2003, p.18, tradução nossa)¹⁸. Constatamos que similar situação pode ser observada nas escolas de João Pessoa que passaram a receber alunos venezuelanos (essa questão será retomada na sessão de análise de dados deste trabalho). A bagagem cultural trazida por esses alunos e a sua língua materna não pode ser ignorada, pois são fatores que influem diretamente em seu processo de aprendizagem (UNAMUNO, 2003, p.51), além de enriquecer o conhecimento de mundo dos próprios alunos brasileiros. Tendo em vista este desafio, um dos objetivos específicos deste trabalho é compreender o processo de integração dos venezuelanos nas escolas, para que seja possível a implementação de práticas educacionais e integrativas adaptadas.

¹⁷ “*propugna el diálogo [...] a partir del reconocimiento mutuo de sus respectivos valores y formas de vida. [...] que pretende reforzarlas y enriquecerlas creativa y solidariamente.*”

¹⁸ “*Cada día más tenemos en nuestras aulas hablantes de lenguas diversas procedentes de flujos migratorios [...]. Estas personas nos ofrecen un material único para trabajar em classe, que debemos conocer para sacarle el máximo provecho.*”

Em síntese, a população humana está em trânsito constante ao redor do globo, o que provoca o contato entre diferentes culturas e a submete a repensar suas próprias estruturas sociolinguísticas. Os conceitos internacionais de migração e refugiado apresentados e as noções de língua, cultura e interculturalidade expostos até aqui, através da visão sociolinguística, sustentam este trabalho e nos ajudam a compreender os dados a serem analisados posteriormente.

Para que estas interações multiculturais e multilinguísticas possam ocorrer de maneira fluida, levando em conta o contexto e as especificidades de cada comunidade, entendemos que a presença de um mediador é necessária. Tal mediador deve conseguir compreender igualmente as partes, identificar suas necessidades e possibilitar a comunicação entre elas, sempre tendo em mente uma visão global e respeitando os costumes e tradições dos povos em questão.

2.6 Mediador intercultural

Nesta seção, apresentaremos o papel do mediador intercultural dentro do contexto multicultural e multilíngue. Em seguida, aplicaremos, de forma introdutória, os conceitos no âmbito do profissional de LEA-NI e da comunidade venezuelana em João Pessoa.

A Câmara Internacional de Comércio define mediação como “uma técnica de solução flexível, conduzida de maneira privada e confidencial, na qual um mediador atua como um facilitador neutro para ajudar as partes a chegarem a um acordo”¹⁹. Ou seja, a mediação é um meio de resolução de conflitos e o mediador o agente que faz uso desse meio. O mediador deve ser alheio ao conflito e agir com total imparcialidade, isentando-se da coerção e da imposição.

Entretanto, neste trabalho não vamos nos referir ao mediador convencional, mas sim ao mediador intercultural, “mediador, em termos de ‘médium’, de uma pessoa de confiança, de facilitadora de diálogos, de ponte que consiga aproximar duas culturas”²⁰ (MARTINEZ, VILLALBA e RESTREPO, 2013, p.190, tradução nossa).

¹⁹ Disponível em: <http://www.iccbrasil.org/resolucao-de-litigios/mediacao/>. Acesso em: 08 abr. 2019.

²⁰ “Mediador, en términos de ‘médium’, persona de confianza, de facilitador de diálogos, de puente que consiga acercar las dos culturas.”

“Distinguindo-se da mediação enquanto processo que procura resolver diferendos entre duas partes, a mediação cultural que aqui interessa é a que promove aproximações e encontros entre as pessoas” (MARTINHO, 2013). O mediador intercultural atua entre grupos distintos que utilizam diferentes códigos, ou línguas, passaram por diferentes processos históricos e tiveram vivências particulares a suas conjunturas sociais. Assim, segundo o Instituto de Certificação e Formação de Mediadores Lusófonos (ICFML)²¹, o mediador intercultural precisa possuir certas competências, sendo elas: identificar áreas de foco cultural relevantes, ter autoconsciência e reconhecer as próprias influências culturais, reconhecer as influências culturais dos participantes expressas em seus comportamentos e relatos, capacidade para compreender e apreciar semelhanças e diferenças culturais e capacidade de gerir ambiguidades para minimizar diferenças e criar um ambiente viável que, inclusive, promove a comunicação entre os participantes.

Para Velho (2010), “O mediador é um intérprete e um reinventor da cultura. É um agente de mudança quando traz informações e transmite novos costumes, hábitos, bens e aspirações”. O intérprete traduz a mensagem a ser comunicada levando em consideração o contexto na qual está inserida. Ele tem o poder de selecionar e interpretar a informação (BRITO, 2018), por isso, dominar uma competência intercultural é fundamental para a execução desta tarefa. Martinez, Villalba e Restrepo (2013, p.231) entendem por competência intercultural a habilidade de negociar e comunicar significados culturais de forma eficaz respeitando a identidade múltipla dos participantes. Também cabe ao mediador ser competente comunicativamente, ou seja, saber quando falar e como falar, utilizando as variedades linguísticas adequadas (BAGNO, 2017, p.48) e dispor de recursos para resolução de problemas que podem surgir na comunicação. Montero (2012) justifica o trabalho da mediação cultural pela construção da reivindicação de direitos étnicos e da dinâmica de respeito às identidades. Em linhas gerais, o objetivo do mediador cultural é estabelecer um elo entre culturas, criando uma ponte de comunicação entre duas culturas, de forma a construir relações empáticas de aceitação e reconhecimento das identidades e possibilitar a coexistência das diferenças em um mesmo espaço político nacional, característica esta do multiculturalismo (MONTERO, 2012).

²¹ Disponível em: <http://br.icfml.org/>. Acesso em 08 abr. 2019.

É importante conhecer a função de um mediador intercultural para compreender como o profissional de Línguas Estrangeiras Aplicadas pode agregar valor ao trabalho de um mediador intercultural a partir de suas competências linguísticas, habilidades comunicativas e bagagem multicultural. Além de nos ajudar a entender a inserção deste profissional no contexto de integração da população venezuelana em João Pessoa. Esta relação entre mediador intercultural e profissional LEA no âmbito dos migrantes venezuelanos será melhor explanada na seção “Mediador Intercultural LEA”.

A seguir, dedicaremos o próximo capítulo a expor a metodologia utilizada no presente trabalho para dar embasamento aos resultados provenientes da pesquisa realizada com migrantes, instituições de acolhida e instituições de ensino.

3. METODOLOGIA

Este trabalho insere um paradigma interpretativo a partir da metodologia qualitativa e utiliza como método investigativo uma pesquisa de natureza etnográfica aplicada a um estudo de caso.

Para Alzina (2009, p.80), “a metodologia constitui um marco conceitual de referência e coerência lógica para descrever, explicar e justificar o caminho a percorrer com os princípios e os métodos mais adequados para a investigação” (tradução nossa)²². Nesta pesquisa escolhemos a metodologia qualitativa. Para Latorre (1996, p.198), o objeto dessa metodologia é “a compreensão do complexo mundo da experiência humana: como as pessoas vivem, interpretam, experimentam e constroem os significados da sociedade e sua integração à cultura e à linguagem”. Segundo Alzina, (2009, p.82) “a metodologia qualitativa possibilita a descrição de acontecimentos pontuais e relevantes contextualizados no âmbito social em que ocorrem naturalmente”.

Assim, primeiramente apresentaremos os métodos da pesquisa qualitativa, em seguida em seguida, o contexto de realização da pesquisa e, por fim, as ferramentas de investigação utilizadas.

3.1 Métodos da Pesquisa Qualitativa

Quanto aos métodos, utilizamos uma abordagem de natureza etnográfica aplicada a um estudo de caso. Os métodos qualitativos “têm demonstrado efetividade para estudar a vida das pessoas, a história, o comportamento, o funcionamento organizacional, os movimentos sociais e as relações de interação” (ALZINA, 2009, p.293, tradução nossa)²³. Guber (2001) e Alzina (2009) fazem menção ao trabalho do alemão Franz Boas e do polonês Bronislaw Malinowski como precursores do trabalho de pesquisa etnográfica, com destaque para este último no ramo da Antropologia cultural. “Como enfoque, a etnografia é uma concepção e prática de conhecimento

²² “la metodología constituye un marco conceptual de referencia y coherencia lógica para describir, explicar y justificar el camino a recorrer, con los principios y los métodos más adecuados para un proyecto de investigación particular”.

²³ “han demostrado ser efectivos para estudiar la vida de las personas, la historia, el comportamiento, el funcionamiento organizacional, los movimientos sociales e las relaciones de interacción.”

que busca compreender os fenômenos sociais desde a perspectiva dos seus agentes (GUBER, 2001, p.11, tradução nossa)²⁴. A pesquisa etnográfica é uma mescla entre teoria e prática. O investigador define o seu objeto de estudo, um grupo de pessoas, uma comunidade e os aspectos que deseja observar, podendo ser aspectos específicos ou abrangentes. Diferente de outros métodos, a pesquisa etnográfica não busca afirmar uma teoria com exemplos práticos, mas sim constrói uma teoria para explicar a realidade constatada na análise dos dados. Além disso, este método abrange uma visão global do objeto de estudo, tanto o ponto de vista dos membros do grupo como a interpretação do pesquisador, o que Del Ríncon (1997 *apud* ALZINA, 2009, p.297) chama de aspecto holístico naturalista. O pesquisador por sua vez é uma ferramenta de pesquisa, pois realiza um trabalho de campo a fim de colher os dados que serão futuramente analisados. As técnicas mais comuns de coleta de dados na pesquisa etnográfica são a observação participante ou não participante e a entrevista programada ou não programada.

O estudo de caso por sua vez é um método de investigação qualitativa, similar à pesquisa etnográfica, que busca a compreensão profunda e objetiva do objeto de estudo. O que diferencia o estudo de caso da etnografia é a finalidade de conhecer o objeto de estudo a fundo para então gerar hipóteses e explicá-las através de suposições relativas ao seu contexto natural (BARTOLOMÉ, 1992, p.24 *apud* ALZINA, 2009, p.310). Assim, esta metodologia permite estudar a comunidade foco, colher dados de forma descritiva para, em seguida, compreendê-los e interpretá-los com intuito de aprofundar o conhecimento sobre esta comunidade.

Muitos autores não consideram o estudo de caso uma metodologia independente, o que ratifica a nossa escolha por realizar um estudo de caso de natureza etnográfica. Considerando o curto período de imersão, a metodologia foi adaptada e somente alguns elementos da pesquisa etnográfica clássica foram utilizados. É importante mencionar que este método não é comumente utilizado em trabalhos dentro do ramo de negociações internacionais, entretanto, tendo em vista o viés linguístico-cultural do curso de LEA-NI, o enfoque sociológico é justificado. Além

²⁴ "Como enfoque la etnografía es una concepción y práctica de conocimiento que busca comprender los fenómenos sociales desde la perspectiva de sus miembros".

disso, em função da temática e dos objetivos deste trabalho, entendemos que a pesquisa de natureza etnográfica seja a abordagem mais apropriada.

Desde uma perspectiva teórica que leva em conta referências sociolinguísticas e interculturais, o presente trabalho se caracteriza por ser uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica, aplicada a um estudo de caso sobre a experiência de migração e integração de venezuelanos na cidade João Pessoa. Tal abordagem contempla os seguintes aspectos: 1) Contexto de realização da pesquisa, 2) Metodologia do estudo de caso, 3) Apresentação dos resultados e análise dos dados. Em função da natureza etnográfica da investigação, e da inserção direta dos pesquisadores no campo, optamos por descrever a parte prática do contexto de realização da pesquisa e a metodologia utilizada na primeira pessoa do plural.

3.2 Contexto de realização da pesquisa

Este trabalho foi desenvolvido a partir da imersão dentro da comunidade de venezuelanos em João Pessoa. Na Paraíba, os migrantes venezuelanos foram acolhidos pelos agentes comunitários da Arquidiocese, pelo Serviço Pastoral do Migrante do Nordeste (SPM/NE) e pela organização não governamental Aldeias Infantis SOS Brasil. Em vista da parceria prévia entre a Universidade Federal da Paraíba e a organização Aldeias Infantis através do projeto de extensão “Refugiados na Paraíba: Integração Linguística e Transculturalidade” e a participação dos realizadores desta pesquisa no projeto citado, escolhemos esta instituição como local para execução de um trabalho de campo caracterizado por uma imersão de um mês.

A imersão ocorreu durante o mês de dezembro de 2018 e permitiu o contato direto com os venezuelanos através de entrevistas e conversas informais e atividades no dia a dia dentro da própria Aldeia. Também pudemos coletar informações sobre o funcionamento da própria ONG e o processo de acolhida dos migrantes cedidas pelos coordenadores do projeto. Por último, visitamos quatro escolas nas quais crianças venezuelanas estavam matriculadas com o intuito de compreender o ponto de vista dos diretores e educadores sobre o recebimento destes alunos estrangeiros nas escolas.

3.3 Ferramentas de Investigação

As técnicas para a coleta de dados, utilizados no presente trabalho, foram o trabalho de campo, a observação participante e a entrevista informal ou não programada. Os registros de todas as informações obtidas durante a coleta de dados foram escritos em um diário de campo que, ao final da realização da pesquisa, serviu de base para a escrita deste trabalho.

3.3.1 Trabalho de campo

O trabalho de campo de natureza etnográfica pode ser compreendido em diversas vertentes, sendo as principais, o “positivismo” e o “naturalismo”. O positivismo enquanto ciência segue a lógica do experimento, da medição ou quantificação de variáveis para identificar relações, de modo que a teoria seja submetida à verificação por parte do investigador, podendo esta ser confirmada ou refutada. A coleta de dados, dentro desta linha de trabalho de campo, deve ser padronizada, através de questionários e entrevistas dirigidas (GUBER, 2001, p.22).

O naturalismo, por outro lado, seria uma alternativa epistemológica ao trabalho de campo. Segundo Guber (2001), “os naturalistas propõem a fusão do investigador com os sujeitos de estudo, transformando-o em mais um que compreende a lógica da vida social como fazem seus membros” (tradução nossa)²⁵. Neste trabalho, optamos por uma abordagem naturalista do trabalho de campo, pois as técnicas de coleta de dados são as menos intrusivas possíveis, possibilitando que os agentes estudados ajam de maneira natural, sem se sentirem pressionados por serem observados. Assim, o pesquisador consegue acessar os comportamentos mais “brutos” da comunidade. As técnicas para obtenção de informações no trabalho de campo naturalista são a observação participante e a entrevista informal ou não dirigida.

3.3.2 Observação Participante

A observação participante, também chamada de ativa, como o próprio nome já descreve, consiste na participação da vida na comunidade, no grupo ou no contexto em questão. Para Gil (2008, p.122), “o observador assume, pelo menos até certo

²⁵ “Los naturalistas proponen la fusión del investigador con los sujetos de estudio, transformándolo en uno más que aprehende la lógica de la vida social como lo hacen sus miembros”.

ponto, o papel de um membro do grupo”. Desta perspectiva, Gil entende que a técnica de observação permite ao pesquisador adquirir conhecimento sobre os costumes, tradições, práticas, linguagens de um grupo a partir do interior dele mesmo.

Ainda de acordo com o autor, podemos destacar três vantagens desta técnica: a facilidade de acesso às situações cotidianas em que os membros da comunidade estão envolvidos, possibilidade de acesso a informações que o grupo considera particular e a possibilidade de ouvir dos próprios membros observados palavras de esclarecimento sobre o seu comportamento. (GIL, 2008, p.123)

Segundo Bagno, (2017, p.338) a observação participante pode ser uma estratégia para evitar o que na linguística se entende por paradoxo do observador, quando “o comportamento linguístico dos falantes é afetado pela presença do pesquisador que deseja observar tal comportamento”.

A utilização da observação participante neste trabalho fez toda a diferença durante a imersão na organização Aldeias Infantis SOS. Primeiramente, pude perceber que o simples fato de eu dominar o espanhol já deixavam os venezuelanos mais à vontade, uma vez que podiam se expressar em sua língua materna. Segundo, desde o princípio do trabalho de campo, busquei participar voluntariamente das tarefas diárias da ONG, separando materiais, distribuindo a feira quinzenal, auxiliando nos passeios educacionais promovidos pela organização e por outras instituições, realizando atividades lúdicas com as crianças, entre outras. Isso me permitiu ganhar a confiança tanto dos coordenadores da Aldeia quanto dos venezuelanos. Assim, no momento da entrevista informal, os venezuelanos já estavam familiarizados com a minha presença e compartilhavam as informações demandadas sem hesitar. Com similar abertura e receptividade, os coordenadores sempre se colocaram à disposição para explicar o funcionamento da ONG, tirar dúvidas e fazer esclarecimentos. Corroborando a escolha acertada da abordagem etnográfica (com observação participante).

3.3.3 Entrevista Informal ou Não Programada

“Da perspectiva da sociolinguística, a entrevista é uma técnica de obtenção de dados por observação controlada e que exige o emprego de um questionário ou roteiro

mais ou menos elaborado, de um texto ou de uma lista de palavras” (BAGNO, 2017, p.108). No nosso caso optamos por entrevistas do tipo individual não programada que se caracteriza por ser menos estruturada e com protocolos mais flexíveis (BAGNO, 2017, p.108). “Este tipo de entrevista só se distingue da simples conversação pois tem como objetivo básico a coleta de dados” (GIL, 2008, p.111). O roteiro da entrevista informal não requer a preparação de perguntas ou questionários, basta que o entrevistador defina os tópicos principais e o desenvolvimento da entrevista fica a seu cargo (GIL, 2008, p.115).

O que se pretende com entrevistas deste tipo é a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado. “A entrevista informal é recomendada nos estudos exploratórios, que visam abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão aproximativa do problema pesquisado” (GIL, 2008, p.111). Apesar da frequência com que a crise na Venezuela e a migração de venezuelanos é abordada pela mídia, a pesquisadora possuía pouca base de conhecimento sobre essa população e as reais condições em que se encontravam. Primeiro pela distância que a Paraíba se encontra da fronteira ao norte, e, segundo porque sua chegada ao estado foi um acontecimento inédito. Dessa forma, a escolha por esse tipo de entrevista se justifica na busca por uma maior presença do informante e respostas o mais extensas possíveis, uma vez que ele é quem guia o rumo da conversa.

Faz parte do código ético com respeito aos participantes da investigação que, no momento da entrevista, a pesquisadora se apresente, explique ao entrevistado a finalidade do trabalho, o objetivo da pesquisa, a entidade responsável e a importância da sua colaboração. Os participantes da pesquisa têm o direito de serem informados sobre o que vão ser investigados e a natureza da pesquisa (ALZINA, 2009, p.84). É igualmente ético que seja esclarecido o caráter confidencial da entrevista, preservando a identidade do entrevistado como garante a Lei nº 12.527/2011 de acesso à informação²⁶, e que as informações prestadas tenham cunho estritamente acadêmico. Antes de iniciar a entrevista, tomamos o cuidado de explicar cada um dos pontos mencionados aos entrevistados, apresentando-lhes, em espanhol ou português (de acordo com a nacionalidade do entrevistado), o documento de cessão

²⁶ Dados do Governo Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12527.htm. Acesso em 08 abr. 2019.

gratuita de direitos de depoimento oral e compromisso ético de não identificação, assim, eles poderiam ter mais confiança sobre o uso das informações cedidas (visualizar ANEXO A - Cessão Gratuita de Direitos). Os diretores e educadores das escolas visitadas também assinaram o documento, e quanto aos menores de idade, eram os seus responsáveis legais que assinavam a permissão. Assim, mantivemos o compromisso ético com todos os participantes que colaboraram para a nossa investigação.

Durante a entrevista, a pesquisadora procurou manter uma atmosfera amistosa e agradável, para que o entrevistado pudesse se expressar livremente, sem sentir intimidação ou pressão e tornando possível o estabelecimento de uma relação entre as partes (GIL, 2008, p.117). Não tivemos empecilhos quanto à abordagem para a entrevista com os venezuelanos, pois eles já estavam familiarizados com a nossa presença na Aldeia. Por se tratar de uma entrevista informal, os tópicos a serem abordados foram previamente estabelecidos (vida na Venezuela, trajetória até João Pessoa, vida em João Pessoa, contexto escolar, dificuldades linguísticas) e as perguntas foram desenvolvidas a partir do contexto da conversação, sempre seguindo um padrão de estruturação mínimo para fins de comparação de dados.

Levando em consideração a configuração de refugiado dos entrevistados, temas delicados como desemprego, situação financeira, discriminação e xenofobia, recorrentes em suas falas, podem provocar o seu lado emocional, como ocorreu em duas situações durante a entrevista informal. Nessas circunstâncias, os pesquisadores buscaram se posicionar de forma empática e compreensiva, sempre dispostos a ouvir, porém sem fazer o papel de psicólogos e fazendo jus ao fluxo da entrevista.

No caso da nossa pesquisa, o registro das respostas foi feito através de anotações durante a entrevista, e em um caso em particular, em que a entrevistada permitiu, foi utilizado um gravador. A utilização majoritária da tomada de notas justifica-se, primeiramente, pela preferência dos entrevistados, pois entende-se que o gravador tem efeito intimidador e, pelo grau de pessoalidade das temáticas abordadas, eles optaram por um registro indireto do seu depoimento. Segundo, pela possibilidade de apontar observações para além da fala e fazer comentários do ponto de vista do pesquisador.

As entrevistas informais foram divididas em quatro grupos: entrevista com as mães, entrevista com as crianças, entrevista com os diretores e educadores das escolas e entrevista com os coordenadores da Aldeia.

3.4 Processo de Análise dos Dados

Apresentaremos os resultados da pesquisa qualitativa a partir de uma análise interpretativa dos dados, fazendo uso do conjunto de técnicas de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Segundo o autor, a análise de conteúdo tem por função aumentar as chances de descoberta e servir como método de verificação de dados (1977, p.30) e pode ser organizada em três diferentes etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e a interpretação (1977, p.95).

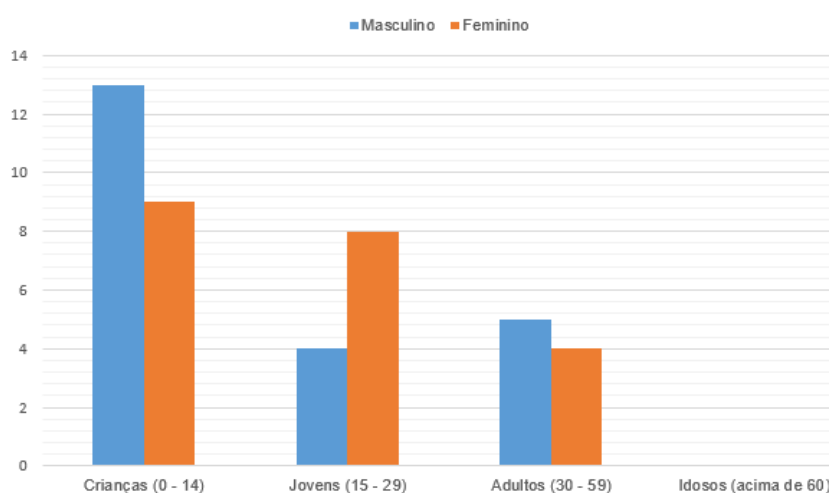
4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentaremos, analisaremos e discutiremos os resultados da pesquisa. O conteúdo foi dividido em três subtópicos: a trajetória migrante, as instituições de acolhida e a mediação.

4.1 Trajetória Migrante

Nesta primeira sessão do capítulo, traçaremos o perfil dos migrantes venezuelanos residentes na organização Aldeias Infantis SOS em João Pessoa durante o mês de dezembro de 2018, com especial atenção às três famílias que aceitaram participar de uma entrevista não programada. É fundamental estudarmos o perfil sociodemográfico dos migrantes para compreender o contexto no qual estão inseridos e para que, o poder público e as ONGs possam elaborar políticas adaptadas às suas necessidades. Em seguida, analisaremos a trajetória de migração deste grupo desde a Venezuela até a cidade de João Pessoa.

Gráfico 1 – Perfil dos Venezuelanos na Aldeia Infantil SOS João Pessoa em dezembro de 2018



Fonte: Gráfico 1, elaborado pela autora

O gráfico acima apresenta o perfil de 44 venezuelanos a partir dos aspectos de sexo e idade. Aqui levamos em consideração somente o sexo masculino e feminino por razão dos dados na fonte já estarem categorizados desta maneira. Quanto a

idade, dividimos a amostra em quatro faixas etárias, crianças (0-14 anos), jovens (15-29 anos), adultos (30-59 anos) e idosos (acima de 60 anos).

Ao analisar o gráfico, observamos a predominância de crianças, em especial as do sexo masculino. Os jovens estão em segundo lugar, dessa vez com destaque para o sexo feminino, com duas vezes mais indivíduos que o masculino. Os adultos aparecem em seguida em quantidade quase igual de homens e mulheres. E por último os idosos, categoria à qual não pertencia nenhum indivíduo do grupo. A interpretação que podemos fazer do gráfico é que a maior parte dos venezuelanos que chegaram à João Pessoa são crianças e mulheres jovens, enquanto os idosos são nulos, por se tratar de uma parcela da população que não possui as mesmas condições físicas de um jovem ou um adulto para realizar o trajeto.

A seguir, temos uma tabela com o perfil sociodemográfico das famílias que aceitaram participar da entrevista não programada. Vale ressaltar que a identidade dos participantes é sigilosa, por isso utilizamos a enumeração (BARDIN, 1977, p. 108) para identificar os indivíduos.

Tabela 1 - Perfil Sociodemográfico dos Entrevistados

	Idade	Sexo	Escolaridade/ Profissão	Status civil	Filhos
Mãe A	28 anos	Feminino	Estudante de Medicina	Casada	Sim, dois
Pai A	27 anos	Masculino	Padeiro	Casado	Sim, dois
Criança A	4 anos	Feminino	Cursando o Ensino Infantil		Não
Mãe B	37 anos	Feminino	Segundo grau incompleto	Casada	Sim, três
Pai B	39 anos	Masculino	Não informada	Casado	Sim, três
Jovem B	16 anos	Feminino	Cursando o 3º ano do Ensino M.		Não
Criança B	11 anos	Masculino	Cursando o 6º ano do Ensino Fundam.		Não
Mãe C	28 anos	Feminino	Curso incompleto de Adm. e de Agronomia	Casada	Sim, dois

Pai C	36 anos	Masculino	Engenheiro mecânico	Casado	Sim, dois
Criança C	7 anos	Feminino	Cursando o 3º ano do Ensino Fundam.		Não

Fonte: Tabela 1, elaborada pela autora

A partir desta amostra, observamos que as crianças possuem as faixas etárias variadas e todas estavam frequentando a escola na Venezuela e que as mulheres migrantes são geralmente jovens, casadas, com filhos, e, apesar de duas delas (Mãe A e Mãe C) terem cursado parcialmente um curso universitário, nenhuma delas possui ensino superior completo. Já o Pai C, graduado em Engenharia Mecânica, têm dificuldade de atuar em sua área por não conseguir validar o diploma. Na Venezuela, a Mãe A relatou que terminava os seus estudos de Medicina enquanto estagiava voluntariamente em um hospital, já a Mãe B fazia *empanadas* para vender com a ajuda de sua filha mais velha e a Mãe C fazia um pouco de tudo, trabalhava como camareira, cabelereira, venda de comida etc. Durante a entrevista, elas comentaram sobre o aumento do desemprego e do preço dos alimentos, um frango podia custar até um salário mínimo. Por isso, passaram a trocar certos alimentos por alternativas mais baratas, como frango e carne por sardinha e mortadela, mas, segundo elas, muitas pessoas ainda passavam fome e isso dificultava a sua concentração nos estudos e no trabalho.

Quando a família B estava decidindo para qual país migrar, cogitaram ir para o Peru porque tinham parentes lá, ou para a Colômbia. Porém, no primeiro país, pelo que ouviram, a situação estava bastante complicada e neste último ouviram relatos de venezuelanos sendo maltratados, apesar da grande quantidade de colombianos que migravam para a Venezuela no passado. Por isso decidiram vir para o Brasil junto ao irmão da Mãe B e sua esposa grávida. A Mãe A também chegou grávida ao Brasil e tinha muito receio sobre a viagem, pois a gravidez era de risco. Ambas as grávidas deram luz a seus filhos em Boa Vista.

Após termos contextualizado a situação dessas famílias, traçaremos o percurso e as etapas pelas quais elas passaram até chegarem em João Pessoa. Primeiramente, eles atravessaram a fronteira terrestre em vans pelo estado brasileiro de Roraima e seguiram até a capital Boa Vista. Lá, juntamente à ONU, eles deram

entrada no pedido de refúgio – que pode ser justificado por questões raciais, políticas ou de direitos humanos. Eles deram razão ao pedido de refúgio por questões de direitos humanos, e quando perguntados o porquê de estarem deixando o seu país, afirmaram que havia possibilidade de morrerem de fome se não o fizessem (enquadrando-se na falta de um direito humano fundamental). Uma vez aceito o pedido, eles foram encaminhados para o acampamento de refugiados enquanto aguardavam a documentação ser processada, entretanto uma família afirma ter passado alguns dias na rua antes de irem para o acampamento. O motivo do ocorrido não foi informado, mas podemos supor que tenha sido devido à grande demanda por abrigo. Das famílias entrevistadas, dois dos pais/maridos (das famílias A e B) chegaram primeiro à Boa Vista, trabalharam para juntar dinheiro e só depois vieram o restante de seus familiares. No acampamento dormiam em barracos e recebiam comida todos os dias. Os pais geralmente saíam para trabalhar ou procurar emprego, enquanto as mães ficavam com as crianças. No acampamento, as crianças brincavam todas juntas e as mães relatam terem feito boas amizades, ao mesmo tempo que ocorriam diversos conflitos entre os venezuelanos e deles com os brasileiros. A Mãe B relatou ter sido maltratada por outros venezuelanos e percebeu que vários tinham um mal comportamento, comportamento este que degradava a imagem dos venezuelanos como um todo e acabava sendo mais difícil para eles conseguir emprego. Quanto ao português, a Mãe C disse ter tido bastante dificuldade de compreensão no começo e isso a perturbava ao ponto de ter dores de cabeça, mas o marido e outros venezuelanos que estavam lá há mais tempo lhe ajudaram a entender algumas palavras.

O tempo que as famílias passam no acampamento varia, mas gira em torno de 4 a 5 meses em média. Depois lhes é oferecida transferência para outra cidade em vista da superlotação que têm ocorrido em Boa Vista. Para a Família B, foi sugerido que eles fossem para Manaus, porém eles pediram que fossem transferidos para outra cidade pela grande quantidade de venezuelanos que estavam chegando à Manaus. Os coordenadores do acampamento sugeriram então João Pessoa, eles acharam que seria uma boa cidade para viver e concordaram com a proposta. Percebemos que apesar de se tratar de uma migração forçada, os migrantes ainda possuem poder de escolha sobre alguns aspectos da trajetória.

O traslado para João Pessoa foi feito inicialmente em avião até Recife e depois em ônibus até João Pessoa. Chegando ao destino final, foram diretamente encaminhados à organização Aldeias Infantis SOS localizada no bairro de Mangabeira, onde foram acolhidos.

4.2 Instituições

4.2.1 Aldeias Infantis SOS Brasil

A Aldeias Infantis SOS é uma organização humanitária internacional presente em 135 países e atuante no Brasil há 50 anos. Com a missão de apoiar crianças e famílias, ajudando-os a construir seu próprio futuro e participar no desenvolvimento de suas comunidades, a organização já desenvolveu 22 projetos distribuídos em 12 estados e no Distrito Federal que impactaram diretamente a vida de mais de 130 mil crianças, adolescentes e jovens²⁷.

Instalou-se em João Pessoa em 1987 e deu início ao seu trabalho com famílias em situação de vulnerabilidade social e crianças e jovens que tiveram seus direitos violados, sendo estes últimos colocados sob os cuidados de uma mãe social e passando a residir na aldeia²⁸.

Segundo os coordenadores da Aldeias Infantis em João Pessoa, após alterações no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a Aldeias Infantis SOS passou a levar seus projetos diretamente às comunidades de João Pessoa, com o objetivo de promover um ambiente de convivência familiar saudável e seguro. Desde então, a sede da organização em João Pessoa não tem mais trabalhado com as cuidadoras residentes, deixando as casas lares disponíveis para a implementação de novos programas.

Atualmente o espaço conta com 12 casas lares, escritório, centro de vivências, quadra poliesportiva, biblioteca, cozinha, refeitório, lavanderia, parque e uma sala

²⁷ Disponível em <https://www.aldeiasinfantis.org.br/conheca/quem-somos>. Acesso em: 26 abr. 2019.

²⁸ Disponível em: <https://www.aldeiasinfantis.org.br/conheca/onde-estamos/no-brasil/joao-pessoa>. Acesso em 26 abr. 2019.

equipada com computadores, onde funciona o projeto Coletivo Jovem da Coca-Cola, oferecendo cursos de capacitação profissional para jovens de baixa renda²⁹.

Com a crise de superpopulação gerada pelo intenso fluxo migratório de venezuelanos para a cidade de Boa Vista e a necessidade de realocar esses refugiados³⁰, a Aldeias Infantis SOS se propôs a gerenciar mais um projeto humanitário, o Brasil Sem Fronteiras, dessa vez com foco em acolher famílias de refugiados venezuelanos em todo o país, incluindo em João Pessoa. Na capital paraibana, o projeto está sob a responsabilidade de uma assistente social e um educador social, os quais pude entrevistar.

4.2.2 Acolhimento na Aldeia Infantil

Quando os grupos migrantes chegam à capital, eles são levados pelo exército brasileiro diretamente à organização Aldeias Infantis, onde são alocados nas casas lares e passam a residir pelos próximos três meses. Cada casa lar possui uma estrutura básica com cozinha, quarto, banheiro e lavabo - algumas são maiores e comportam até duas famílias - e equipadas com cama/ beliche, cômoda, armários, geladeira, fogão, bebedouro, entre outros utensílios.

No dia seguinte à chegada das famílias é feita uma reunião ministrada pela coordenadora geral da Aldeia em João Pessoa, em português, para dar orientações sobre o funcionamento do programa de acolhimento e explicar as regras de convivência. É explicado às famílias que o convênio com a Aldeias Infantis SOS Brasil dura três meses, tempo em que receberão todo o apoio administrativo, financeiro, logístico e psicológico para recomeçarem a sua vida em João Pessoa e, após esse período, conseguirem se tornar independentes.

As regras de convivência são extensas, mas servem para melhorar a convivência no dia a dia, manter a limpeza do espaço da Aldeia, facilitar o controle da

²⁹ "O Coletivo Jovem é um programa realizado pelo Instituto Coca-Cola Brasil que tem como objetivo inspirar e empoderar jovens de 16 a 25 anos, moradores de comunidades urbanas de baixa renda, por meio da capacitação e desenvolvimento profissional, valorização da autoestima e conexão com novas oportunidades de geração de renda". Disponível em: <https://www.cocacolabrasil.com.br/packages/coletivo-jovem-programa-cria-pontes-entre-jovens-e-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 26 abr. 2019.

³⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/02/temer-quer-distribuir-refugiados-venezuelanos-para-outros-estados.shtml>. Acesso em: 26 abr. 2019

entrada e saída de pessoas e manter a ordem. Elas consistem em 1) manter todos os pertences organizados e bem guardados pois a Aldeia não se responsabiliza por objetos perdidos ou furtados; 2) apagar as luzes e desligar os eletrodomésticos quando não estiverem sendo usados; 3) não deixar restos de comida dentro das casas, retirar o lixo diariamente e manter os quartos limpos para evitar o aparecimento de insetos e bichos; 4) ter atenção e zelo com os objetos e pertences da Aldeia, pois novas famílias farão uso daquele material; 5) evitar o desperdício de comida, sempre lavar bem os alimentos e não comer do chão ou deixar que as crianças o façam; 6) não circular sem camisa ou de toalha e não deixar que as crianças andem descalças; 7) a lavanderia é coletiva e somente roupas devem ser postas na máquina de lavar, se necessário fazer pré-lavagem e ao final estender as roupas dentro das casas; 8) as doações de roupas, brinquedos, calçados que chegam são divididas para diversas comunidades, então só se deve pegar o essencial; 9) não é permitido animais de estimação nem música em alto volume; 10) fica proibido fumar e beber no recinto; 11) cada família recebe uma chave de acesso ao portão lateral, ficando livre a entrada e saída dos moradores até às 22 horas; 12) visitas de pessoas externas só são permitidas quando autorizadas pela administração; 13) fica terminantemente proibido discussões, maus tratos às crianças, adolescentes e mulheres; 14) é recomendável não ter contato com traficantes e ficar longe das drogas; 15) existem câmeras de vigilância para a proteção e segurança dos moradores.

Algumas regras de conduta e aspectos culturais também são abordados, como 1) cumprir com o horário (de preferência sempre chegar antes do horário combinado) e se adaptar aos horários em que são feitas as refeições no Brasil; 2) respeitar as regras do ambiente de trabalho; 3) não ouvir fofoca dos outros; 4) manter a boa aparência, pois muitas pessoas visitam a Aldeia para oferecer emprego, entrevistar as famílias, conhecer o espaço, fazer doações, etc. Além disso, fazem recomendações no que tange a boa administração do dinheiro. É comum que, após receberem o primeiro salário, os recém-chegados queiram enviar dinheiro para os familiares que permanecem na Venezuela ou acabam gastando com objetos supérfluos. A priori, é importante que eles poupem dinheiro para que possam, dentro de três meses, estar financeiramente estabelecidos, alugar um apartamento, comprar móveis e utensílios, para então ajudar os seus familiares, sem comprometer a sua situação de refugiado no Brasil. Por último, eles assinam um termo, redigido em

espanhol, ratificando que estão cientes e de acordo com as regras de convivência e de conduta estabelecidas. Vale ressaltar que boa parte das regras não constam no documento, mas foram explicadas oralmente, em português, para os migrantes (visualizar ANEXO B – Regras de Convivência da Aldeia).

A organização é regida pelos princípios e diretrizes da política migratória estabelecida pela Lei de Migração nº13.445/2017³¹, sendo assim o objetivo da organização é garantir os direitos dos migrantes e inseri-los na sociedade de forma segura, com foco em empregabilidade, saúde e escola para as crianças. Para tanto, a prioridade, quando os migrantes chegam, é resolver os trâmites legais: fazer um CPF (Cadastro de Pessoa Física), uma carteira de trabalho, uma carteira do SUS (Sistema Único de Saúde), matricular as crianças na escola e fazer um currículo para os adultos aptos a trabalhar. Quando estão próximos de renovar o seu pedido de refúgio³², os migrantes devem se dirigir até a polícia federal (neste caso, eles são acompanhados por um coordenador da Aldeia) e apresentar a seguinte documentação: pedido de refúgio atual, carteira de trabalho; documento de identidade da Venezuela, comprovante de residência da Aldeia e CPF. Os migrantes podem igualmente solicitar um visto de residência permanente a partir de um visto de refugiado, sendo necessário, para este fim, comprovar o pagamento de impostos através de notas fiscais, possuir um emprego formal com a carteira de trabalho assinada e ter moradia fixa.

Quanto à empregabilidade, as psicólogas da Aldeia se encarregam de auxiliá-los no preenchimento dos currículos e no encaminhamento para as empresas. A Aldeias Infantis SOS não garante que os migrantes serão empregados, mas orientam, dão suporte e acompanham o processo de contratação. Além disso, as psicólogas instruem os venezuelanos sobre como se portar em uma entrevista de emprego, o que vestir, como se expressar, reforçam a importância da pontualidade, etc. Frequentemente empresas vão até a ONG oferecer oportunidades aos venezuelanos, algumas nem mesmo demandam experiência, mas a equipe sempre tem a cautela de verificar a questão salarial, as condições de trabalho e os benefícios oferecidos para

³¹ Dados do Governo Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm. Acesso em 08 abr. 2019.

³² Tendo em vista a grande quantidade de pedidos de asilo, o deferimento do pedido e o reconhecimento do *status* de refugiado pode levar um ano ou mais, por isso os venezuelanos utilizam o protocolo de permanência em território nacional para validar a sua estada no Brasil.

certificar-se de que as práticas da empresa estão de acordo com o que preveem as leis trabalhistas brasileiras. Assim, os venezuelanos são garantidos de um emprego formal e digno, com carteira de trabalho assinada, sem exploração ou abuso. No caso de entrevistas de trabalho ou resoluções de situações legais, a organização fornece um passe de ônibus para que eles possam se deslocar independentemente até o local.

Uma situação que ocorre com frequência é os venezuelanos chegarem sem certificados, diplomas ou históricos escolares, pois, no caso dos adultos, tiveram que abandonar seus cursos na Venezuela ou, no caso de adultos e crianças, não puderam trazer os documentos originais, e quando o fazem não conseguem validá-los. Por isso, a ONG procura fazer um resgate dos históricos para que eles possam dar continuidade aos cursos nas universidades de João Pessoa. As famílias também entram em contato com parentes que ainda residem na Venezuela para conseguir os documentos acadêmicos e escolares. Atualmente faz-se uma tentativa de ingressar os jovens e adultos na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) com direito ao recebimento de bolsas e posteriormente será verificada a possibilidade de ingressá-los igualmente na UFPB através das vagas remanescentes, ou seja, vagas que foram ofertadas, mas não estão sendo preenchidas por alunos brasileiros.

4.2.3 Oficinas e Formações na Aldeia

A organização Aldeias Infantis propõe fazer um trabalho de inserção dos venezuelanos à sociedade pessoense. Como vimos anteriormente neste trabalho, a boa comunicação é fundamental para o processo de integração dos indivíduos migrantes. Pensando nisso, e na necessidade de empregar os venezuelanos, a Aldeia, em parceria com a UFPB e com o Senac, passou a oferecer aulas de português e formação profissional aos venezuelanos.

O projeto de extensão da UFPB “Refugiados na Paraíba: Integração Linguística e Transculturalidade”, coordenado pelas professoras Ana Berenice Martorelli e Socorro Claudia Tavares de Sousa, oferece uma formação de ensino de Língua Portuguesa e de trocas culturais entre estudantes brasileiros e migrantes venezuelanos, como ferramenta facilitadora da integração dos venezuelanos à sociedade local. Os encontros acontecem semanalmente e a proposta é sair do espaço da sala de aula e ir para o dia a dia. A Mãe A relatou que as atividades sempre

englobavam vocabulário do dia a dia, por exemplo, como fazer compras no supermercado comprando as quantidades certas e administrando o dinheiro, como pedir um café em uma padaria, como ir ao banco abrir uma conta, como pegar ônibus e se deslocar pela cidade, como ir ao médico etc. Em um dos encontros a professora os levou ao shopping para uma aula de campo, em que fizeram uma dinâmica de encenação entre um(a) atendente e um(a) cliente. Segundo a venezuelana, essa foi uma ótima maneira de estimulá-los a frequentar mais aulas, tendo em vista que alguns alunos se sentiam desmotivados.

Ao término das aulas, a Coordenadora Socorro Claudia e um grupo de alunos voluntários do curso de Letras organizaram um passeio educativo pela orla do bairro de Cabo Branco no dia 13/12/18, o qual tive a oportunidade de participar. Durante o trajeto os alunos deram algumas informações sobre a história de João Pessoa, desde a época da colonização até os dias atuais. A primeira parada foi o Farol do Cabo Branco onde puderam explorar a área, tirar fotos e a professora explicou sobre a construção do Farol. Os venezuelanos se mostraram bastante participativos, sempre tentando se expressar em português e trazendo à tona diferenças entre as duas línguas. A segunda parada foi a Estação Ciência. Foi falado sobre o arquiteto Oscar Niemeyer e a erosão que tem ocorrido na região pela proximidade da construção à falésia. A terceira e última parada foi a praia de Cabo Branco, onde os Venezuelanos tiveram a chance de explicar em português tudo o que haviam aprendido naquela tarde. Na volta, houve muitos discursos de agradecimento, tanto por parte dos venezuelanos quanto dos alunos da UFPB. Todos pareciam muito contentes com as aulas de português e estavam ansiosos para retornar no semestre seguinte.

Outra formação oferecida dentro da Aldeia, dessa vez em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), foi o curso de profissionalização em camareira. Dezoito venezuelanos, homens e mulheres, participaram do curso que aconteceu no período matutino entre os dias 06 e 14 de dezembro, dentro da própria Aldeia. A formação foi totalmente gratuita, eles receberam o material para acompanhar as aulas e, ao final, foi emitido um certificado de conclusão do curso.

Alguns pais, principalmente mães, tinham dificuldade em frequentar as aulas e cursos por não terem com quem deixar seus filhos. Tendo em vista a necessidade, o

educador social, a psicóloga e eu nos voluntariamos para assistir às crianças, fazendo atividades recreativas com elas enquanto os pais participavam das atividades. A falta de alguém para ficar com as crianças influía inclusive na empregabilidade das mães. Por isso a importância de matriculá-las nas creches e escolas o quanto antes. A temática das escolas será abordada separadamente na próxima seção.

4.2.4 Vida das Famílias em João Pessoa

Uma vez que as famílias se instalam na Aldeia e conseguem todos os documentos legais elas vão em busca de oportunidades de trabalho e estabilidade financeira. Quando entrevistei a Mãe A, fazia pouco menos de um mês que ela e sua família haviam chegado à João Pessoa. Sua filha (Criança A) já estava frequentando a escola, seu marido (Pai A) estava procurando emprego e ela ficava em casa para cuidar do seu filho recém-nascido. Eles recebiam igualmente uma quantia mensal do Bolsa Família³³, o que era de grande ajuda para a sua independência financeira.

A família B estava prestes a realizar o desligamento da Aldeia quando os conheci. Eles haviam chegado à João Pessoa três meses antes e agora estavam procurando um apartamento para alugar. O Jovem B e a Criança B frequentavam a escola desde o início, o Pai B estava trabalhando como pedreiro, mas ainda não possuía carteira de trabalho assinada e a Mãe B havia sido empregada há duas semanas.

Assim como a família A, a família C também estava recebendo uma quantia do Bolsa Família. Eles haviam chegado em João Pessoa há três meses e meio e estava à procura de moradia pra realizarem o desligamento da Aldeia. Logo que chegou, em seu primeiro dia de trabalho em um salão de beleza, a Mãe C passou por duas situações constrangedoras e xenófobas. Primeiramente, ela relatou que estava atendendo uma cliente e quando a cliente soube que ela era Venezuela não quis mais ser atendida por ela. Segundo, ao final do dia, a Mãe C recebeu uma quantia mínima que não condizia com o trabalho que havia realizado. Por isso ela decidiu não voltar a trabalhar no salão. Devido a situações como esta, a Aldeia procura fazer uma pré-

³³ O Bolsa Família trata-se de um programa de assistência social previsto pela Lei Federal nº 10.836/2004 para combate à pobreza e à desigualdade no Brasil. Fonte: Ministério da Cidadania (Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e>. Acesso em 08 abr. 2019).

seleção dos empregos que são oferecidos aos venezuelanos, para que não sejam explorados ou mal pagos, mas infelizmente não há como prever reações xenófobas. O Pai C também viveu algo semelhante. Ainda segundo o relato da Mãe C, ele trabalhou em um restaurante durante um mês, período no qual houve três ocasiões de furto/dano de equipamentos e os venezuelanos foram os primeiros suspeitos. Conversando depois com os coordenadores da Aldeia, eles mencionaram que os administradores do restaurante tiveram uma interpretação distinta dos fatos, afirmando que a desconfiança não era sem provas, mas que os venezuelanos já vinham tendo um comportamento suspeito durante a realização de suas atividades. Uma outra frustração da família foi saber que o contrato da Aldeia só duraria três meses, pois eles compreenderam que a estadia poderia ser prolongada até cinco/seis meses. Circunstâncias como estas de desentendimento, xenofobia e má interpretação são extremamente delicadas e exigem uma mediação entre as duas partes para que ambas possam ser ouvidas, cheguem a um consenso e ninguém saia prejudicado.

Ambas as Mães B e C se emocionaram em um momento da entrevista e relataram sentir muita falta de suas famílias e suas vidas na Venezuela. A Mãe B mencionou se sentir trancada e impotente, com vontade de sair correndo. Já a Mãe C desabafou contando que a mudança havia sido muito rápida e ela tinha dificuldade de assimilar tudo, sentindo-se muitas vezes estressada, ansiosa, irritada e até desesperada. Ela tem pretensão de voltar a Venezuela, pois não vê futuro para sua filha no Brasil e tem dificuldade de encontrar emprego em João Pessoa, enquanto na Venezuela, mesmo em tempos de crise, ela conseguia “se virar”. A única motivação que ela tem para ficar no Brasil é saber que pode ajudar financeiramente sua família na Venezuela, enviando dinheiro todo mês, e assim o seu irmão tem condições de terminar a faculdade. Quando questionei sobre o suporte psicológico da Aldeia ela disse não ser suficiente e a psicóloga também não fala espanhol, o que dificulta a comunicação.

Além do suporte psicológico, linguístico, burocrático e logístico da Aldeia, as famílias recebem, quinzenalmente, uma feira com todos os itens necessários para a sua alimentação, higiene pessoal e limpeza da casa. A feira inclui alimentos não perecíveis: arroz, feijão, açúcar, macarrão, sal, farinha, cuscuz, leite em pó, café, achocolatado, tempero, molho de tomate, leite condensado, bolacha cream cracker e biscoito maisena; frutas e legumes: batata, tomate, melancia, abacate, cebolinha,

coentro, cenoura, banana, cebola e pimentão; frios: iogurte, mortadela, frango; e produtos de higiene pessoal e limpeza da casa: sabonete, xampu, condicionador, desodorante, absorvente, frauda, lâmina de barbear, sabão em pó, pasta de dente, repelente, sabão em barra, detergente, bucha, desinfetante, saco de lixo e água sanitária. Vale ressaltar que a feira é adaptada àqueles que possuem restrição alimentar ou condições diferenciadas de alimentação, como uma mulher grávida por exemplo, um recém-nascido ou alguém com intolerância à lactose.

Após os três meses de acolhimento na Aldeia, chega a hora do desligamento. Nesse momento, todas as famílias recebem uma ajuda de custo de R\$1.200,00 reais e uma feira completa suficiente para quinze dias. A organização também pode ajudar doando móveis e eletrodomésticos usados ou até mesmo novos. Com essa quantia mais o salário que recebem por seus trabalhos, eles podem ter mais independência e estabilidade para começar uma nova vida.

No início do mês de dezembro oito famílias, no total, haviam deixado a Aldeia. Primeiro um grupo de três, depois um grupo de cinco. Uma nona família deveria ter se desligado da ONG no mesmo período, mas houve certa resistência quanto a saída e só deixaram a organização uma semana depois do previsto. Isto é um problema, pois, assim que acaba o contrato de acolhimento, novas famílias são encaminhadas de Roraima para a sede da organização em João Pessoa e necessita-se de um tempo hábil para limpar e organizar a casa lar antes que a próxima família chegue. Em conversa com a assistente social e coordenadora do projeto, ela relatou que também houve casos de itens sendo levados de dentro das casas quando as famílias deixavam a Aldeia. Em casos como este, de furto, os coordenadores são responsáveis por dialogar com as famílias, lembrando as regras da organização.

Apesar de deixarem a Aldeia, a organização continua fazendo o acompanhamento dos venezuelanos, entrando em contato esporadicamente, verificando se as crianças estão devidamente matriculadas nas escolas, informando sobre oportunidades de emprego e convidando-os para atividades e eventos na organização.

4.2.5 Escolas Públicas

Quanto às escolas, o educador social é o responsável por auxiliar os pais na procura por vagas nas escolas e creches e realizar a matrícula das crianças. Ele prioriza as escolas que se localizem nas proximidades da Aldeia, para que o trajeto possa ser feito a pé, evitando que os venezuelanos tenham gastos com transporte. No contexto da pesquisa deste trabalho, pude realizar um trabalho de campo em quatro escolas que estavam recebendo alunos venezuelanos, sendo elas a Escola Municipal Davi Trindade, o Centro de Formação de Professores, a Escola Municipal Profª Ana Cristina Rolim Machado e a Pré-Escola Creche Josiara Telino. No contexto da visita, pude entrevistar as diretoras das escolas e, em duas delas, conversei igualmente com professores. A seguir estão expostas as principais informações colhidas durante as visitas em cada escola. Os dados condizem com a data de realização da pesquisa, podendo haver alterações posteriores.

4.2.6 EMEF David Trindade

Em conversa com a diretora, ela relatou que é a primeira vez que a escola recebe alunos estrangeiros e, no período, estavam matriculados quatro alunos venezuelanos, incluindo a Criança B.

Como mencionado no capítulo anterior, algumas crianças chegaram sem histórico escolar. Somente um aluno trouxe consigo um relatório de desempenho pedagógico da escola em que havia estudado em Roraima. Por isso a coordenação pedagógica da escola faz uma estimativa, baseada na idade, para matricular os alunos na série apropriada para sua faixa etária de acordo com os parâmetros brasileiros. Entretanto, todos os alunos ingressaram já no quarto bimestre e, pela falta de registro de notas desde o início o ano letivo, eles são obrigados a repetir o ano escolar. Esse processo está sendo feito sob orientação da Secretaria de Estado de Educação da Paraíba (SEE/PB).

Questionei sobre a oferta de aulas de espanhol na escola, tendo em vista que isso poderia facilitar a adaptação dos venezuelanos ao novo ambiente escolar. A diretora afirmou que a escola não ofertava a disciplina, mas disponibilizava transporte para que os alunos pudessem assistir às aulas gratuitamente no Centro de Línguas

Estrangeiras (Celest). Dessa forma, com a chegada das crianças venezuelanas eles viram a necessidade de um profissional que dominasse o espanhol principalmente para se comunicar com os pais dos alunos. A diretora acredita que a criança é mais aberta a esse tipo de mudança que o adulto, por isso se relaciona facilmente e supera a barreira linguística rapidamente. Quanto ao comportamento dos alunos, ela relatou que, em geral, os alunos venezuelanos não causam problemas, mas houve um caso em que um deles usou palavras em espanhol sabendo que estas possuíam conotação negativa em português, o que chamamos de falsos cognatos³⁴.

Após a conversa com a diretora, pude entrevistar a Criança B, que estudava na escola há quase três meses. No início da entrevista preferiu se comunicar em espanhol, mas ao longo da conversa, começou a falar em português por vontade própria. Na Venezuela ele era aluno do sexto ano, mesma série que estuda no Brasil. Ele relatou que o conteúdo estudado é novo, mas apesar de nunca haver estudado português antes, consegue acompanhar o que está sendo passado pela professora, especialmente porque, na sua percepção, o português falado em João Pessoa é mais fácil de ser compreendido do que o falado em Boa Vista, local onde teve o primeiro contato com a língua. Inclusive, ele é quem ajuda os pais a fazerem compras no supermercado por ser quem se comunica melhor em português e ele fica feliz em poder ajudar. Na escola, conseguiu fazer amigos rapidamente e eles se entendem bem, já se comunicando em português. Sua única dificuldade é na hora de resolver as atividades em casa, uma vez que seus pais não dominam o português.

4.2.7 EMEF Profª Ana Cristina Rolim Machado

Por ser a escola mais próxima à Aldeia, a EMEF Profª Ana Cristina é a que tem recebido mais alunos venezuelanos, totalizando onze crianças e adolescentes matriculados, sendo que quatorze outros estão esperando por uma vaga para o ano letivo seguinte. Minha visita ocorreu no dia 04/12/2018, quando pude conversar com a diretora da escola em um formato de entrevista aberta.

³⁴ Falsos cognatos: "são palavras normalmente derivadas do latim que aparecem em diferentes idiomas com ortografia semelhante e que têm, portanto, a mesma origem, mas que, ao longo dos tempos, acabaram adquirindo significados diferentes." (SCHÜTZ, 2019)

A escola Ana Christina funciona em tempo integral, com aulas regulares no período matutino e atividades recreativas (xadrez, música, libras, teatro, artesanato) no período vespertino. Em setembro, a escola ofereceu um almoço às famílias dos alunos como forma de dar as boas-vindas e decidiu convidar também as famílias venezuelanas que haviam acabado de chegar, antes mesmo das crianças estarem matriculadas na escola. Foi uma excelente iniciativa para acolher toda a comunidade venezuelana das Aldeias Infantis SOS.

Quando foram devidamente matriculados, após o início oficial do semestre, os alunos venezuelanos foram alocados nos diferentes anos escolares de acordo com sua faixa etária, já que poucos haviam trazido históricos. A equipe pedagógica da escola fez então um acompanhamento desses alunos para garantir que eles estavam se adaptando bem à série a qual foram designados. No ano seguinte, dependendo do seu desempenho escolar, os alunos poderiam avançar de ano ou permanecer no mesmo ano.

Após a inserção das crianças venezuelanas, a diretora observou que estas possuem senso de comunidade, pois ao ser negado o pedido de levar o lanche da escola para sua mãe, uma delas se recusou a comer. Ela acrescentou dizendo que apesar de chegarem em um momento de dificuldade, são extremamente dóceis, educados, carinhosos e participativos. Uma das venezuelanas chegou a ser finalista da primeira edição do concurso musical estudantil Jampa Music. Da mesma forma, os pais também são bastante presentes na vida escolar dos filhos. Todos fizeram a rematrícula para o ano seguinte e se comunicam constantemente com a escola. Para 2019, a escola, junto com a Secretaria de Educação, pretende contratar um intérprete/mediador que domine o espanhol para acompanhar as crianças no processo integrativo e avaliativo.

Durante a minha visita, conversei também com a Criança C, que estava cursando o Segundo Ano do Ensino Fundamental na Venezuela, mas foi transferida para o Terceiro Ano quando chegou ao Brasil. Ela contou que gosta de ficar só e fazer atividades escolares, mesmo durante o recreio, quando seus amigos a chamam para brincar. Em relação à comunicação, ela disse compreender bem seus colegas e eles também a compreendem. Eles fazem perguntas sobre a Venezuela e pedem que ela fale em espanhol, o que a faz sentir bem acolhida. Os professores, por outro lado, têm

mais dificuldade. Na escola há um professor que fala espanhol e, para ela, é melhor se comunicar com ele. Ela gosta muito de falar português, inclusive sozinha, e contou que sua mãe tem o costume de filmá-la contando, em português, sua experiência no Brasil. Quando caminhávamos para o fim da entrevista, ela começou a falar em português por conta própria e sugeriu que fizéssemos um desenho juntas (visualizar ANEXO C – Desenho da Criança C e meu).

4.2.8 Centro de Formação de Professores

Visitei o Centro de Formação de Professores no dia 07/12/18. A diretora não estava presente no momento em que cheguei à escola e o professor de filosofia se dispôs a realizar a entrevista informal, uma vez que ele dava aula para alunos venezuelanos. Sendo assim, a entrevista foi realizada com ele. Durante a nossa conversa, o professor afirmou que era a primeira vez que a escola recebia alunos estrangeiros, porém não houve instrução ou aviso prévio quanto à chegada dos venezuelanos ao corpo docente e, por isso, ter um aluno estrangeiro em sala foi algo repentino para ele. À princípio, teve um pensamento negativo em relação ao ingresso dos venezuelanos à escola. Julgando pela situação política, econômica e social da Venezuela e pela forma como tal assunto era tratado na mídia, o professor imaginou que eles tivessem uma base educacional fraca, inferior à dos alunos brasileiros. Entretanto, quando começou a lecionar para dois jovens venezuelanos, se surpreendeu com a sua capacidade de compreensão, assimilação do conteúdo e bagagem educacional, além de serem alunos organizados, respeitosos e esforçados. Ele percebeu que aquela era uma oportunidade ímpar para a escola, pois amadurece a turma e lhes apresenta outras realidades, costumes e crenças. Assim, ele acredita que a presença dos venezuelanos pode ser melhor aproveitada dentro de sala de aula, de modo que os professores tenham sensibilidade e provoquem situações em que eles possam se expressar melhor, demonstrando o seu contexto linguístico-cultural, visto que apesar de terem dificuldades de comunicação no início, os alunos têm grande potencial, só precisam ser estimulados da maneira correta.

Sobre a barreira linguística, a escola recorreu ao professor de espanhol para fazer a mediação inicial com os venezuelanos e os alunos brasileiros também os auxiliaram. Porém, o professor de filosofia pontuou que um mediador profissional seria

de grande ajuda durante as aulas, inclusive acredita que deveria ser lei, pois perde-se o fluxo da aula quando o professor não consegue compreender o aluno. Além de estimular a participação dos venezuelanos, esse suporte extra os faria se sentir melhor recepcionados no ambiente escolar.

Pude conversar igualmente com uma das alunas venezuelanas da escola, a Jovem B, com o intuito de compreender o seu ponto de vista. Ela era aluna do Terceiro Ano do Ensino Médio, afirmou gostar da escola e os colegas a tratavam bem. Lembrou que a comunicação foi difícil no começo, mas depois de alguns dias em Boa Vista já conseguia entender algumas palavras e o contato com os brasileiros a ajudou a melhorar sua competência comunicativa em português. Quando questionei sobre os conteúdos das disciplinas, ela disse que eram parecidos com os que estudava na Venezuela, mas lá não haviam aulas de português, filosofia ou sociologia. No Brasil, ela não levava tarefas para casa, mas pensa que seu desempenho melhoraria se ela tivesse atividades de português para praticar em casa. Na escola, ela ajuda os colegas nas aulas de espanhol, mas tem dificuldade nas aulas de inglês, pois tem que passar de uma língua estrangeira (português) a outra (inglês). Perguntei sobre o que ela pretendia fazer após concluir o Ensino Médio e ela disse ainda não saber o que estudar na universidade, mas pretendia procurar trabalho quando terminassem as aulas.

4.2.9 Pré-Escola Creche Josiara Telino

Minha visita à Creche Josiara Telino ocorreu no dia 10/12/2018, quando pude conversar com a diretora da escola e com uma das professoras do Ensino Infantil. Assim como as outras escolas, era a primeira vez que a creche recebia estrangeiros. Dois venezuelanos estavam matriculados quando realizei a visita.

A diretora relatou que foi uma surpresa quando soube que haveria alunos venezuelanos na escola. Sua primeira preocupação foi com a comunicação, ela pensou que teria que fazer aulas de espanhol, mas a hospitalidade e a vontade de recebê-los falou mais alto. Para a diretora, no momento de adaptação faz-se necessário um profissional que domine bem o espanhol, principalmente pela questão emocional e por se tratarem de crianças pequenas (até 5 anos de idade). No início,

para acalmá-los, ofereciam brinquedos, depois substituíram por atividades e, por fim, as crianças já conseguiam participar da programação normal das aulas. Não houve treinamento dos professores ou da equipe administrativa para a recepção dos venezuelanos, mas a equipe pedagógica da escola havia participado de uma formação em Libras (Língua Brasileira de Sinais), o que os auxiliou na hora de se comunicarem com os novos alunos. Em conversa com uma das professoras, ela mencionou as técnicas utilizadas, como repetir a palavra, mostrar objetos e apontar.

Felizmente, a creche pode contar com o professor de Ed. Física, que é fluente em espanhol. Anterior à chegada dos venezuelanos, ele teve a iniciativa de produzir um espetáculo em cordel (expressão da cultura paraibana) intitulado “Somos Diferentes”, o cordel aborda ética, cidadania, respeito, valores, sentimentos (visualizar ANEXO D – Cordel “Somos Diferentes”). Com a chegada dos novos alunos, ele traduziu o cordel para o espanhol e fez questão de incluí-los no espetáculo, uma excelente maneira de dar as boas-vindas às crianças e integrá-las no ambiente escolar. Além disso, ele tem feito todo o acompanhamento de uma das venezuelanas. O professor conversa frequentemente com a aluna, perguntando o que ela gosta de fazer, como ela está se sentindo, se está incomodada, além de ajudá-la com as atividades e fazer a mediação entre ela e a professora, mas sempre tendo o cuidado de não impedir que ela aprenda sozinha. Em outra ocasião, o professor precisou intervir quando um venezuelano estava tendo problemas de comportamento, chegando a utilizar expressões vulgares em sala de aula. Ele conversou com o aluno, fez a mediação juntamente com a professora e nos dias seguintes percebeu que o seu comportamento havia melhorado.

No geral, a diretora observou que os venezuelanos estavam se adaptando bem, prestavam atenção nas aulas, tinham frequência regular nas aulas e faziam amizade facilmente, inclusive os alunos brasileiros os compreendiam melhor que os próprios professores. Ela somente fez uma ressalva sobre a questão da alimentação, pois um aluno pediu que fosse colocado açúcar no feijão, algo comum na Venezuela, mas que não faz parte dos costumes brasileiros. Na opinião da diretora, é preferível que eles se adaptem à culinária local, pois isso também faz parte da sua inserção à cultura brasileira. Uma outra forma de integração que poderíamos propor seria oferecer o feijão com açúcar aos demais alunos, apresentando a cultura venezuelana às crianças brasileiras e fazendo com que a criança venezuelana não se sinta tão deslocada.

4.3 Mediador Intercultural LEA-NI

Na última seção deste capítulo, recordaremos os conceitos de mediação e mediador intercultural, fazendo um paralelo com o profissional LEA dentro do contexto de integração dos migrantes venezuelanos. Utilizaremos os resultados qualitativos deste trabalho para embasar a análise e reforçar a relevância desta investigação.

Como vimos anteriormente, o mediador intercultural, é um facilitador de diálogos multiculturais, ele atua não só como intérprete, mas promove a comunicação e compreensão mútua entre as partes, considerando suas particulares conjunturas sociais e seu contexto cultural. No que diz respeito aos recém-chegados migrantes venezuelanos em João Pessoa e o seu processo de integração, faz-se necessário o trabalho de um mediador intercultural, especialmente entre esta comunidade, as instituições de acolhida (neste caso as Aldeias Infantis SOS) e as escolas.

Primeiramente, quando analisamos as atividades diárias da Aldeia, o trabalho dos coordenadores do projeto e a demanda dos venezuelanos, observamos que em diversas situações, a intervenção de um mediador intercultural seria não só apropriada, mas necessária. Visto que nenhum dos profissionais da Aldeia domina a língua espanhola, e como pode ser o caso em diversas outras organizações de acolhida, todos os processos são feitos em português, sem a real certeza de que os venezuelanos estão absorvendo as informações ou interpretando-as corretamente. Por exemplo, a reunião de acolhida, em que são explicadas todas as regras de convivência e boa conduta, é feita em português. Apesar de haver um documento escrito em espanhol, grande parte das informações é passada oralmente, podendo haver uma má interpretação das informações e ocasionar o descumprimento das regras, como pude constatar durante minha imersão e conversando com os coordenadores. Em segundo lugar, no caso de a reunião ser ministrada em espanhol por alguém que tenha conhecimento da cultura daquele povo, possivelmente diminuiriam as queixas dos venezuelanos, descumprimento da data de desligamento, entre outras situações indesejáveis. Terceiro, em relação aos locais de trabalho, o mediador teria papel fundamental em instruir tanto o trabalhador migrante quanto a empresa que deseja contratá-lo, além de fazer intervenções pontuais quando necessário, como no caso da Mãe C no salão de beleza e do Pai C no restaurante. Finalmente, no que diz respeito ao suporte psicológico, tão necessário considerando

o contexto da migração, os mediadores interculturais poderiam atuar juntamente às psicólogas da Aldeia, trabalhando para encontrar a melhor abordagem, linguística e cultural, para com os venezuelanos.

Em seguida, quando analisamos os resultados das entrevistas não programadas com os diretores e professores das escolas visitadas, observamos a menção ao papel do mediador, geralmente exercido pelo professor de espanhol ou por outro colaborador da instituição que domina a língua. A presença destes profissionais, e a sua disposição a realizar tal tarefa, é certamente bastante proveitosa para a escola e para os alunos venezuelanos no que tange ao seu processo de adaptação. Entretanto, não são todos os brasileiros falantes de espanhol que terão a sensibilidade para com a situação migrante dos venezuelanos, sabendo a melhor forma de abordá-los. Por exemplo, citamos, anteriormente, dois casos de mau comportamento em que crianças venezuelanas utilizaram expressões vulgares ou de conotação negativa. Para lidar com situações como estas, é preciso conhecer bem o contexto sociocultural das crianças, afinal, a mudança de vida é drástica e cada um tem uma maneira de lidar com isto. Enquanto uns tem facilidade de adaptação, outros enfrentam dificuldades, e a escola tem papel fundamental no processo de integração das crianças venezuelanas à sociedade brasileira. Processo no qual um mediador intercultural, como facilitador de diálogos, pode ser de grande ajuda. Além de poder atuar igualmente na área pedagógica da escola, auxiliando na leitura e compreensão dos documentos, históricos e relatórios escolares.

Considerando a noção apresentada de mediador intercultural e as diversas ocasiões em que ele poderia atuar, é possível fazermos um paralelo ao perfil acadêmico e profissional do graduado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. O profissional LEA-NI adquire durante a sua formação conhecimentos fortemente valorizados no âmbito da mediação intercultural, sendo estes o domínio oral e escrito de três línguas estrangeiras (inglês, francês e espanhol), a percepção sobre o contexto cultural de cada uma delas em suas muitas variações e o entendimento de métodos de negociação levando em conta tal contexto. Por isso, o profissional LEA não somente tem aptidão para atuar como mediador intercultural, como poderia exercer esta função com destreza.

Durante meu trabalho de campo e imersão na Aldeia, pude observar de perto a necessidade deste profissional, chegando a realizar, sem me dar conta, o papel de mediadora intercultural, já que era a única brasileira falante de espanhol e que tinha contato com os coordenadores do projeto. Por exemplo, eu pude ouvir os dois lados da história do Pai C no restaurante (dele e dos administradores do estabelecimento); fui informada pela Mãe A que ela estava sem conseguir contatar sua família para que eles realizassem o envio de seus documentos da universidade, então repassei a informação aos coordenadores das Aldeias, já que essa documentação é necessária para ela dar continuidade aos seus estudos no Brasil; também ouvi dos coordenadores que os venezuelanos diziam não ser suficiente a quantidade de comida que recebiam para a quinzena, entretanto, a Mãe C relatou compartilhar parte da feira com famílias venezuelanas que já haviam se desligado da organização. Assim, observei diversos aspectos da vida cotidiana dos venezuelanos e pude compartilhar com coordenadores, que às vezes não tinham conhecimento de tais fatos, possibilitando a resolução de problemas e a melhoria dos processos de acolhida.

Neste sentido, podemos considerar que o profissional, bem como o estudante de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, possui o perfil e a aptidão para atuar como mediador junto às escolas e instituições de acolhida, facilitando o processo de integração dos migrantes venezuelanos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A migração é um fenômeno global que trata do deslocamento de pessoas, podendo ocorrer em maior ou menor escala, entre longas ou pequenas distâncias e em um espaço de tempo indeterminado. Os fatores que estimulam a migração são vários, tais como a busca por emprego, melhoria da qualidade de vida, estudos, desastres naturais etc. Em alguns casos, a migração é incentivada pela opressão, violência, ameaça à vida ou à subsistência; é o que caracteriza a migração forçada. O indivíduo que realiza a migração forçada e pede asilo em outros países é denominado refugiado (Estatuto dos Refugiados, 1951).

O pedido de refúgio é um direito universal desde 1951 assegurado pelo Art.14 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, encorajando os países signatários da Declaração a pensar em políticas públicas que garantam tal direito. Neste contexto, a Constituição Federal Brasileira de 1988 em seu Art.4, declara “a prevalência dos direitos humanos e da concessão do asilo político”. Em adição, o Brasil adotou em 1997 uma Política Nacional de Refúgio e criou a Comitê Nacional para Refugiados para execução desta tarefa.

O Brasil sempre foi um país aberto a acolher migrantes, e suas boas práticas têm inspirado outros países em suas legislações, como a Argentina, o Chile, o Paraguai e o Uruguai (BARRETO, 2010, p.57). Nos últimos quatro anos, o Brasil tem recebido uma quantidade crescente de pedidos de refúgio, especialmente provenientes de cidadãos venezuelanos. Este fato se justifica pela crise da Venezuela, derivada de problemas estruturais, políticos e econômicos, que vêm se agravando ao longo dos anos e desde 2013 têm impactado diretamente a sociedade do país. Superá-la demandará grandes esforços, não só do governo local, mas de entidades internacionais. E até que a economia do país pare de declinar e comece a se reestruturar, a tendência é que cada vez mais venezuelanos busquem refúgio em outros países.

Todavia, o refúgio não se resume à permissão de entrada dos migrantes no país. É preciso que haja um esforço para integrar esta população à sociedade local, e as questões da língua e da cultura são aspectos intrínsecos a este processo de integração uma vez que são expressões da identidade do indivíduo. Assim, como forma de garantir o direito ao refúgio, organizações se mobilizam para inserir os

migrantes à sociedade, de forma a auxiliá-los no processo de adaptação linguístico e cultural.

Este trabalho tomou como exemplo a organização Aldeias Infantis SOS Brasil e as escolas EMEF David Trindade, Centro de Formação de Professores, EMEF Profª Ana Cristina Rolim Machado e Pré-Escola Creche Josiara Telino, para apresentar as circunstâncias de acolhida dos migrantes venezuelanos em João Pessoa e o seu processo de integração. Neste contexto, realizamos uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica, compreendendo, da perspectiva dos venezuelanos, a sua trajetória migrante, o seu acolhimento na Aldeias Infantis SOS e a sua integração através das escolas públicas de João Pessoa. Como resultado das análises desta pesquisa, podemos fazer algumas considerações.

O refúgio é um direito humano universal, resguardado por normas internacionais e pela Constituição Federal Brasileira, sendo dever do Estado, com o auxílio das organizações não governamentais, criar políticas públicas e fazer funcionar programas sociais de apoio ao migrante. Algumas destas práticas, como a concessão do direito ao trabalho de quem solicita refúgio e a assistência de organizações como as Aldeias Infantis, são um grande avanço e contribuem enormemente para a estabilidade e independência do migrante.

Entretanto, ainda precisamos avançar nos aspectos de integração. Primeiramente, observamos que boa parte dos profissionais que atuam com migrantes na área de assistência social, educação social e psicologia não dominam línguas estrangeiras, neste caso o espanhol, o que dificulta uma tarefa já árdua que é o processo de integração à uma sociedade estrangeira. O não domínio do espanhol ocasiona a comunicação inadequada entre os venezuelanos que estão sendo acolhidos e os responsáveis pela instituição acolhedora. Em segundo lugar, o suporte psicológico acaba deixando a desejar, uma vez que os profissionais não são falantes do espanhol e a trajetória de vida dos migrantes é pouco conhecida. E em terceiro lugar, é possível constatar que muitos migrantes venezuelanos chegam à João Pessoa sem haver concluído o ensino superior ou sem poder atuar na área por não conseguirem validar os seus diplomas. Desta forma, é necessário viabilizar o ingresso destes jovens nas universidades brasileiras e facilitar a validação dos diplomas venezuelanos.

Em relação às escolas, devemos considerar que a equipe pedagógica das escolas públicas, apesar de seu grande empenho em acolher da melhor forma possível os alunos venezuelanos, não foi devidamente instruída a recepcionar alunos estrangeiros. Em algumas escolas, ocorre de os históricos e relatórios escolares, quando disponíveis, não serem lidos ou serem mal interpretados por terem uma estrutura diferente e estarem em espanhol. Este fato pode prejudicar a avaliação do desenvolvimento escolar dos alunos. Já os professores falantes de espanhol das escolas, sem dúvida contribuem para a integração das crianças no ambiente escolar, porém, é necessário que outros professores também se mobilizem para introduzir didáticas pensadas no aluno migrante, como foi o caso do espetáculo em cordel da Pré-Escola Creche Josiara Telino.

Uma última consideração que podemos fazer é o novo campo de atuação para o profissional de LEA-NI como mediador intercultural dentro do âmbito da migração. Como mencionado nas entrevistas não dirigidas com os professores e as diretoras, e pelas considerações apresentadas anteriormente, faz-se necessário a presença de um profissional que não somente domine a língua estrangeira, mas também compreenda o contexto sociocultural dos migrantes e consiga auxiliar na comunicação entre eles e as instituições do país de acolhida, sejam elas escola, ONGs ou empresas. Isto não só seria vantajoso para os migrantes, pois teriam um maior suporte social, linguístico e cultural, e para os profissionais de LEA, que teriam mais uma possibilidade de área de atuação.

Retomando os nossos objetivos, consideramos atingidos os três objetivos específicos de investigar a trajetória migrante a partir da perspectiva dos refugiados venezuelanos, compreender o processo de integração dessa comunidade através da organização Aldeias Infantis SOS Brasil e das escolas públicas de João Pessoa, para que seja possível a implementação de práticas educacionais e integrativas adaptadas, e analisar o papel do profissional de LEA-NI como mediador intercultural. Bem como o objetivo geral de demonstrar a importância do mediador intercultural, a partir da análise do processo de integração de migrantes.

Por fim, esta pesquisa, principalmente por seu pioneirismo, nos motiva a continuar a investigação sobre o processo de integração dos venezuelanos em João Pessoa, no que tange a vida destes migrantes após os três meses iniciais em que são

acolhidos pelas Aldeias Infantis SOS. As crianças continuam frequentando a escola? Os jovens têm a possibilidade de dar continuidade aos seus estudos nas universidades locais? Os adultos estão atuando no mercado formal? Assim, sugerimos esta temática e a busca pela resposta a esses questionamentos para pesquisas futuras.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Amara. **Veja o perfil dos venezuelanos que vêm à JP e como funciona ONG de acolhimento.** 2018. Disponível em: <https://www.polemicaparaiba.com.br/paraiba/veja-o-perfil-dos-venezuelanos-que-vem-a-jp-e-como-funciona-ong-de-acolhimento/>. Acesso em: 06 abr. 2019.

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Genebra, 10 dez. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 06 abr. 2019.

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. Estatuto nº 428, de 1949. **Estatuto do Acnur.** Genebra, 14 dez. 1950. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Estatuto_ACNUR.pdf?file=fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Estatuto_ACNUR. Acesso em: 06 abr. 2019.

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção Relativa Ao Estatuto dos Refugiados (1951).** Genebra, 22 abr. 1954. v. 189, n. 2545, p. 137. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf. Acesso em: 06 abr. 2019.

ALZINA, Rafael Bisquerra (Coord.). **Metodología de la Investigación Educativa.** Madrid: Editorial La Muralla, 2009.

BAGNO, Marcos. **Dicionário Crítico de Sociolinguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/Livros%20de%20Metodologia/10%20-%20Bardin,%20Laurence%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2019.

BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira (Org.). **Refúgio no Brasil: A Proteção Brasileira Aos Refugiados e Seu Impacto Nas Américas.** Brasília: Acnur, Ministério da Justiça, 2010. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Ref%C3%BAgio-no-Brasil_A-prote%C3%A7%C3%A3o-brasileira-aos-refugiados-e-seu-impacto-nas-Am%C3%A9ricas-2010.pdf. Acesso em: 06 abr. 2019.

BBC. **O que levou a Venezuela ao colapso econômico e à maior crise de sua história.** 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/10/22/o-que-levou-a-venezuela-ao-colapso-economico-e-a-maior-crise-de-sua-historia.ghtml>. Acesso em: 07 mar. 2019.

BERNARDO, Mirelle Amaral de São. **Português como língua de acolhimento: um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil.** 2016. 239 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8126/TeseMASB.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 abr. 2019.

BRASIL. SECRETARIA ESPECIAL DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **Conheça o Programa Bolsa Família**. 2015. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e>. Acesso em: 08 abr. 2019.

BRITO, Luís Miguel. O Guia-Intérprete: Mediador Intercultural. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, Aveiro, v. 10, n. 1, p.67-84, maio 2008. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2446/3/2008.01.001_.pdf. Acesso em: 06 abr. 2019.

Cultura. (n.d.) *Gran Diccionario de la Lengua Española*. (2016). Disponível em: <https://es.thefreedictionary.com/cultura>. Acesso em: 22 fev. 2019.

DAMÁZIO, Eloise da Silveira Petter. Multiculturalismo versus Interculturalismo:: por uma proposta intercultural do Direito. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 12, n. 6, p.63-86, jul. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/luize/Downloads/160-Texto%20do%20artigo-593-1-10-20111020.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2019.

El País. **Brasil e 13 países da América não devem reconhecer vitória de Maduro**. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/21/internacional/1526898417_522539.html. Acesso em: 06 abr. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.a., 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2019.

GLOSARIO DE LA OMI SOBRE LA MIGRACIÓN. **Los términos clave de migración**. 2006. Disponível em: <https://www.iom.int/es/los-terminos-clave-de-migracion>. Acesso em: 21 fev. 2019.

GOUSSINSKY, Eugenio. **Entenda a real dimensão da crise da Venezuela, do petróleo à fome**. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/entenda-a-real-dimensao-da-crise-da-venezuela-do-petroleo-a-fome-18052018>. Acesso em: 07 mar. 2019.

GUBER, Rosana. **La Etnografía: método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.

G1. **FMI prevê que inflação na Venezuela chegará a 10.000.000% em 2019**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/10/09/fmi-preve-que-inflacao-na-venezuela-chegara-a-10000000-em-2019.ghtml>. Acesso em: 07 mar. 2019.

HYMES, Dell. **Acerca de la competencia comunicativa**. Forma y Función, n. 9 Departamento de Linguística, Universidad Nacional de Colombia, Santafé de Bogotá, p.13-37, 1996. Disponível em: https://www.academia.edu/36245284/Hymes_Dell_-_Acerca_de_la_competencia_comunicativa.pdf. Acesso em: 06 abr. 2019.

JUBILUT, Liliana Lyra. **Humanitarian Alternative Pathways for Protection for Forced Migrants in Latin America**. Genebra: International Organization For Migration, 2017. Disponível em: http://publications.iom.int/system/files/pdf/humanitarian_alternative.pdf. Acesso em: 06 abr. 2019.

LATORRE, Antonio. Metodología constructivista-cualitativa. In: BELTRÁN, Antonio Latorre; IGEA, Delio del Rincón; AGUSTÍN, Justo Arnal. **Bases Metodológicas de la Investigación Educativa**. Barcelona: Ediciones Experiencia, 1996. Cap. 3. p. 197-291. Disponível em:

https://www.academia.edu/4537791/Latorre_Antonio_Bases_Metodologicas_De_La_Investigacion_Educativa. Acesso em: 08 abr. 2019.

LAVANDERA, Beatriz R.. **Variación y Significado**. Buenos Aires: Libreria Hechette S.a., 1984. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/6908488/Lavandera-Variacion-y-significado>. Acesso em: 06 abr. 2019.

LIMA, João Brígido Bezerra; MUNÕZ, Fernanda Patrícia Fuentes; NAZARENO, Luísa Azevedo; AMARAL, Nemo. **Refúgio no Brasil**: caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados (1998-2014). Brasília: Ipea, 2017. 234p.

MARTINEZ, Angelmiro Galindo; VILLALBA, Neira Loaiza; RESTREPO, Alexandra Botero. **Bilinguismo, biliteracidad y competencia intercultural**: Enfoque de la investigación cualitativo en contexto escolar. Armenia - Colombia: Kinesis, 2013.

MARTINHO, Teresa Duarte. **Mediadores culturais em Portugal**: perfis e trajetórias de um novo grupo ocupacional. Anál. Social, Lisboa, n. 207, p. 422-444, abr. 2013. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732013000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 mar. 2019.

MENEZES, Marilda Aparecida de. **Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes**: Um Estudo de Famílias Camponeses-Migrantes. Rio de Janeiro: Relume Dumará: João Pessoa, PB: EDUFPB, 2002.

MONTERO, Paula. **Multiculturalismo, Identidades Discursivas e Espaço Público**. Sociol. Antropol., Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p.81-101, Dec. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752012000400081&lng=en&nrm=iso. Acesso em 13 Mar. 2019.

RAMOS, Natália. **Interculturalidade, Educação, Desenvolvimento**: O Caso das Crianças Migrantes. In: Bizarro, Rosa. Eu e o Outro. Porto: Areal Editores, 2007

RODRIGUES, Francilene. **Migração Transfronteiriça na Venezuela**. SciELO, São Paulo, Estud. av. v.20, n. 57, Maio/Agosto 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200015. Acesso em: 06 abr. 2019

GOROVITZ, Sabine. **A Escola Em Contextos Multilíngues e Multiculturais**: espaço de construção e negociação de papéis e identidades. Campinas, Sp: Pontes Editores, 2014.

OSORIO, Alexandra Winkler. **How the diaspora is helping Venezuela's migration crisis**. 2019. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2019/01/how-the-diaspora-is-helping-venezuela-migration-crisis/>. Acesso em: 19 fev. 2019.

The International Organization For Migration. **Migration Data Portal**. 2017.

Disponível em:

https://migrationdataportal.org/data?i=stock_abs_&t=2017&cm49=862. Acesso em: 19 fev. 2019.

TRUZZI, Oswaldo; MONSMA, Karl. Sociologia das migrações: Sociologia das migrações: entre a compreensão do passado e os desafios do presente.

Sociologias, Porto Alegre, v. 49, n. 20, p.18-23, set. 2018. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/soc/v20n49/1807-0337-soc-20-49-18.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2019.

SCHÜTZ, Ricardo. **Falsos Cognatos**. 2019. Disponível em:

<https://www.sk.com.br/sk-falsos-cognatos-ou-falsos-amigos.html>. Acesso em: 08 abr. 2019.

UNAMUNO, Virginia. **Lengua, escuela y diversidad sociocultural**: Hacia una educación lingüística crítica. Barcelona: GraÓ, 2003. (Didáctica de la lengua y de la literatura)

VELHO, Gilberto. **Metrópole, cosmopolitismo e mediação**. **Horiz. antropol.**,

Porto Alegre , v. 16, n. 33, p. 15-23, June 2010 . Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 Mar. 2019.

7. ANEXOS

Anexo A - Cessão Gratuita de Direitos



**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LÍNGUAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS**

**CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL E
COMPROMISSO ÉTICO DE NÃO IDENTIFICAÇÃO DO DEPOENTE**

Pelo presente documento,

Eu: _____,

Documento de identidade: _____, domiciliado/residente
em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

_____,

declaro ceder à Luíze Ferreira de Albuquerque, de RG 28569709 e CPF 027.093.592-43, aluna do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba localizada na Cidade Universitária, João Pessoa, Paraíba, 58051-900, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à entrevistadora aqui referida em ____/____/____, como subsídio à construção de seu Trabalho de Conclusão de Curso com o título Crianças Migrantes e o Processo de Integração Sociolinguístico: Um Estudo de Caso Sobre Crianças Venezuelanas em João Pessoa (título provisório). A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo. A pesquisadora se compromete a preservar meu depoimento no anonimato, identificando minha fala com nome fictício ou símbolos não relacionados à minha verdadeira identidade.

João Pessoa, ____ de ____ de ____

(assinatura do entrevistado/depoente)



**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LÍNGUAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS**

**CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL E
COMPROMISSO ÉTICO DE NÃO IDENTIFICAÇÃO DO DEPOENTE**

Por medio de este documento,

Yo, _____,
con cédula de identidad número: _____ residente en
(Av./Calle/no./complemento/Ciudad/Estado/CEP): _____

declaro ceder a Luíze Ferreira de Albuquerque, RG 28569709 y CPF 027.093.592-43, estudiante de la carrera de Lenguas Extranjeras Aplicadas a las Negociaciones Internacionales de la Universidad Federal de Paraíba, ubicada en la Cidade Universitária, João Pessoa, Paraíba, 58051-900, sin restricciones cuanto a sus efectos patrimoniales y financieros, total propiedad y derechos de autor sobre la declaración de carácter histórico y documental que presté durante la entrevista realizada el ____/____/____, como colaboración a la construcción de su Trabajo de investigación (Tesina de Conclusión de Curso) titulado "Niños migrantes y el proceso de integración sociolingüístico: un estudio de caso sobre niños venezolanos en João Pessoa" (título provisorio). La investigadora anteriormente citada está consecuentemente autorizada a utilizar y publicar, para fines estrictamente académicos y culturales, la mencionada declaración, en su totalidad o en parte, editado o no, así como permitir a terceros el acceso al mismo para fines idénticos, con la salvedad de garantía, por parte de los referidos terceros, de la integridad de su contenido. La investigadora se compromete a preservar mi declaración en **anonimato**, identificándome con un nombre ficticio o emblema no relacionados a mi verdadera identidad.

João Pessoa, ____ de ____ de ____

(firma del entrevistado)

(Adaptado do CEDIC-Centro de Documentação e Informação Científica "Professor Casemiro dos Reis Filho" - PUC/SP)

Devido ao caráter anônimo das entrevistas informais, os documentos originais assinados pelos participantes não podem ser publicados e permanecem em domínio da pesquisadora.

Anexo B – Regras de Convivência da Aldeia



ALDEIAS INFANTIS SOS BRASIL/JOÃO PESSOA/PB

Av Hilton Souto Maior, 555 – Mangabeira

João Pessoa/PB

Tel (83) 32383833

REGLAS DE CONVIVENCIA

ATENCIÓN

Conforme a las orientaciones recibidas en la fecha de entrada, en el momento de la entrevista o reunión de la acogida, la permanencia en la casa depende de la organización y compromiso con la comunidad aquí ya existente.

CUIDADOS NAS HABITAÇÕES

CUIDADOS EN LAS HABITACIONES

- Ropa, zapatos, y demás pertenencias personales dobladas, organizadas, guardadas en los armarios.
- Ventiladores apagados
- Luces prendidas cuando sea necesario
- Grifos cerrados al termino de la utilización
- La basura debe ser retirada de las habitaciones, baños y colocados en un hogar apropiado (basura) evitando así acúmulos de mal olor. La recogida de basura es echa por la municipalidad en lunes, miércoles y viernes por la mañana.
- Las habitaciones deben ser limpias diariamente, evitando acumulo de basura

NÃO É PERMITIDO

NO ES PERMITIDO

- Maltrato ou negligencia a los NNJA
- Circular sin camisa en los habitaciones y en las áreas comunes
- Circular de toalla por los habitaciones y en las áreas comunes
- Comidas perecibles en los cuartos (puede atraer ratas, cucarachas, y demás insectos)
- Uso de bebidas alcohólicas y sustancias estupefacientes (drogas)
- Fumar en las habitaciones y en las áreas comunes
- Peleas y discusiones
- Recibir visitas o personas no autorizadas en los espacios
- Animales domésticos
- Musica en alto volumen

Nota: Las habitaciones serán limpias por los moradores que son responsables por mantener los espacios limpios e habitables.

- La ropa debe lavarse en la lavandería colectiva y colgarse en la varal colocar en varal de las habitaciones
- En el sabado es día de mantenimiento de limpieza de la area común del condominio, todos deben participar en este mantenimiento
- El uso y manutencion correcto de los equipamientos son de responsabilidad de los moradores



Pelo direito de viver em família

HORÁRIOS

HORÁRIOS

El preparo de la comida (desayuno, almuerzo y cena) son de responsabilidad de las familias y preparadas en las habitaciones. Para no crear tumulto y desentendimiento, manteniendo siempre un clima de paz, los horarios de la institución deben ser respetados.

Desayuno

- 06:30 – 7:30

Almuerzo

- 11:30 – 13:00

Cena

- 17:30 – 19:00

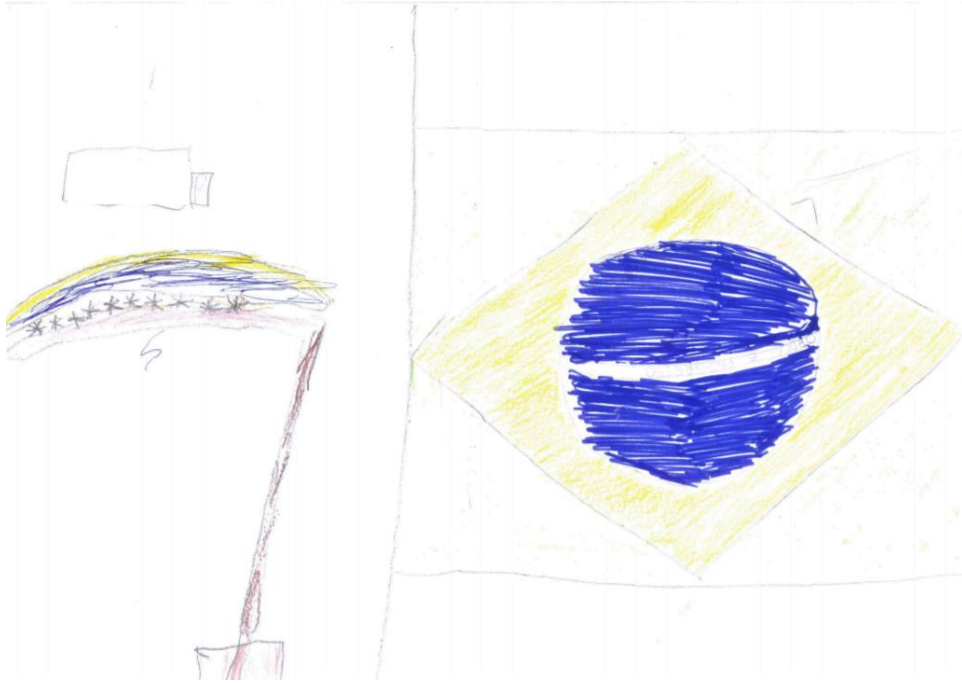
Cierre de las actividades en las habitaciones

- 22:00 hrs
- Las puertas de la casa serán cerradas a esa hora
- Después de las 22hrs silencio, el incumplimiento de las normas de convivencia ocasionará sanciones ya previstas.

LA DIRECCIÓN

Consciente y de acuerdo con las reglas de convivencia

João Pessoa, 29 de agosto de 2018.

Anexo C – Desenho da Criança C e meu

A ilustração do lado esquerdo representa a bandeira da Venezuela e foi desenhada pela criança venezuelana. A ilustração do lado direito foi desenhada por mim e representa a bandeira do Brasil. Os desenhos foram feitos ao mesmo tempo, por isso tem-se a impressão de que a bandeira do Brasil está de cabeça para baixo.

Anexo D – Cordel “Somos Diferentes”

Somos diferentes

Rogério Luckwu

CORDEL EM SALA DE AULA
TEMA: DIVERSIDADE NA ESCOLA
CREI JOSIARA TELINO DE LACERDA

SOMOS DIFERENTES

Autor: Rogério Luckwu

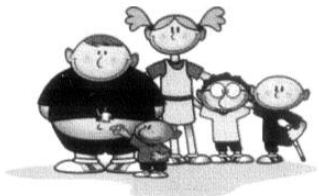


Nesse mundo tão gigante,
Com lugar frio, com lugar quente,
com lugar seco, lugar alagado,
Só poderia ser habitado
Por um povo diferente.

Uns são Altos e falantes.
Outros quietos e baixinhos.
Tem uns magrinhos bons de correr.
Outros são fortes pra valer,
Mas todos são amiguinhos

Tem aqueles que são risonhos,
Outros dengosos de montão.
Alguns cheios de alegria,
Cada um com sua mania
Fazem de tudo uma diversão

Uns tem a pele da cor de algodão,
Outros, igual à cor do bombom.
Uns cantam o dia todinho,
Tocam pandeiro ou o tamborzinho
Mas todos no mesmo tom.



Tem uns com cabelos Cacheados,
Ondulados ou lisinhos.
Olhos escuros, olhos claros,
Uns bem comuns, outros bem raros,
Mas todos são bonitinhos

O bonito dessa vida
É saber seguir em frente.
Sendo você de verdade,
Saber que existe amizade,
Mesmo sendo diferente.



Aqui consta somente a versão em português do cordel, pois no momento da visita à escola, a diretora não possuía em mãos a versão em espanhol.